BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO CONT. LEGAL

Letras e Artes

SUPLEMENTO DE "AMANHÃ"

Domingo, 8-10-1950 — Ano 4.º — N.º 180



A BALDINI — Xilogravura

A FILOSOFIA DE PIO BAROJA

AZORIN

É, realmente um filósofo Pio Baroja? Qual o seu sistema lógico, rigoroso, geométrico? Qual a sua antologia e a sua cosmologia? Não; o autor de "La Busca" não tem um "Discurso sôbre o método", nem uma "Crítica da razão pura", nem um "Tratado teológico-político". "Houve um tempo — escrevia Balmes em 1843 — em que considerou a filosofia como uma ciência exclusiva, inteiramente separada das demais, limitada a certos objetos, formando o que se chama um corpo de ciência; mas atualmente, desde o século passado, a filosofia não é mais um ramo dos conhecimentos humanos, não mais uma raiz ou um fruto: é um jugo precioso que se insinua por tôdas as partes. Assim, existe hoje filosofia científica, filosofia artística, filosofia do mundo". A filosofia está em tôdas as partes; um pintor, um escultor, um músico, um poeta podem ter sua filosofia peculiaríssima. Tem-na Pio Baroja.

Que é a vida? Qual a nossa finalidade sôbre o planeta? Como encontrar a ventura que ambicionamos? Baroja é um pessimista irredutível. Da leitura de seus livros pode surgir a angustiosa sensação de que nossa vida não tem objetivo algum. Há em seus romances homens jovens que assistem o declinar de sua própria juventude, em meio de uma espantosa inutilidade de todo esfôrço; homens velhos, que ocultam a amargura na brutalidade e no civismo; literatos, jornalistas, burguêses, aristocratas... Todos aniquilados, sem plano, sem orientação, sem ideais. A primeira vista poder-se-ia crêr que o pessimismo do autor nasce do desconcerto e dos males sociais. E, entretanto, nada mais falso se investigarmos a origem dêsse sentimento em Baroja. A raiz está mais funda; não é na sociedade que se radica o mal, mas na própria natureza do homem, una e indestrutível, em todos os momentos da história, sempre igual, como acreditaram os grandes pessimistas, Hobbes, Gracian, Schopenhauer, através dos séculos.

Que vamos opor a essa desconsoladora filosofia? A esperança do progresso? A fé na perfectilidade humana? O trabalho?

—"Não há salvação, minha vida está aniquilada" — diz um dos personagens de "Mala hierba". E responde o outro: "Não; há o trabalho. Nem todos os homens são mesquinhos e miseráveis; lutar, assim é a vida. Vale mais a inquietude, a azafama permanente, a alternativa contínua dos prazeres e das dores do que a imobilidade".

Isso escreve o novelista, e de pronto nos lançamos numa vida febril, de negócios, de viagens, de mudanças rápidas. Dir-se-ia que procedemos assim para enganar a nós mesmos, para não ouvir a voz interior que nos grita a inutilidade do esfôrço, para alcançar uma ilusão que corre irônica e vertiginosa à nossa frente...

O trabalho, para que? As inquietudes, os afãs, as mudanças, para que? Veja como se destacam, claramente, as linhas de um nüilismo a paralisar-nos os instintos. Sigamos para a frente, no exame das doutrinas do novelista. Não existe uma concepção filosófica que não traga paralelamente um ideal ótico, concorde, correlativo, indefectível; e não existe, por sua vez, ideal ético que não determine ideal político. Qual, pois, a sociologia que corresponde à metafisica do novelista? A sociologia de Baroja é a sociologia de Gracian, de Hobbes, de La Fontaine, de La Rochefoucauld, de Stendhal, de todos os pensadores pessimistas. La Fontaine a espôs, numa breve frase: "La raison du plus fort est toujous la muilleure". "O que se vence — diz Baltazar Gracian — não necessita de dar satisfações, nunca se perde a reputação quando se alcança o objetivo". Quer dizer, não existe uma norma ética definitiva, nem uma orientação fundamental ou uma verdade inamovível; quando se triunfa, a razão, a moral e mesmo a beleza está com o que triunfa. O êxito traz em si mesmo sua sanção; uma secreta e misteriosa polarização de vontades e de inteligências se faz sempre, e indefectivelmente, em torno do que acaba de triunfar. Tal é hoje, como nas idades primitivas, o grande problema: vencer na batalha da vida. O mundo pertence aos vitoriosos. ..E depois disso, se quisermos precisar mais e determinar o regime político que se deduz de semelhante concepção da sociedade, veremos que não poderá ser outro senão o de um poder forte, audaz, incondicional capaz de impor-se ao desconcerto universal das vontades e das paixões. "Na condição da natureza — dizia Hobbes — a potência certa e irresistível legítima o direito de dominar os que não podem resistir". "Para o Estado — escreve Baroja — o costume deve estar sôbre a liberdade, a lei sôbre o costume, a autoridade sôbre a lei". As mesmas premissas levaram um e outro escritor a idêntico corolário político.

Mas avancemos outro passo no exame da obra do romancista: a uma tal idéia moral e metafísica há de corresponder um meio de expressão adequado. Não há forma nem fundo; tudo é uma coisa só. Compreenderiamos, por exemplo, o "Leviathan", de Hobbes, no estilo ético e acadêmico de Fenelon? Admitir-se-ia o "Rouge et Noir", de Stendhal na prosa humanitária e amplificadora de George Sand? Romances, como "La lucha por la vida", deviam ser escritos num estilo enxuto, impessoal, livre de hipérboles e de lirismo, frio, impassível, e assim o estão, realmente. Como Stendhal, Baroja não confunde seus afetos e aversões com sua obra: limita-se a narrar. Todos os acontecimentos, bons ou máus, tristes ou alegres, são colocados no mesmo plano, sem hierarquias sentimentais nem efusões filantrópicas; são páginas semelhantes a de um código ou de uma algebra.

E nisso se estriba a fôrça extraordinária do novelista, a intensa emoção dessas visões e paisagens, que sôbre tal fundo de filosofia implacável aparecem rápidas na sucessão das páginas: interiores obscuros, asilos, cárceres, subúrbios miseráveis, tavernas, espeluncas horridas, crepúsculos vistos do alto sôbre o mar enegrecido dos telhados, perspectivas de cemitérios distantes, estendidos sôbre colinas ermas. Silhuetas da grande cidade, aparecendo confusas ao longe, quando a manhã vai romper e a luz fria e opaca dos fócos elétricos começa a dissolver-se na claridade tênue do céu.

O NOVO LIVRO DE CAMUS

JEAN BOTROT

O sr. Albert Camus acaba de publicar, sob o título de Actuelles, algumas de suas crônicas dos anos de 1944 a 1948. Eu desconfio, em princípio, dessas coletâneas de artigos antigos, cuja eloquência ou brilho raras vezes resistem à prova do tempo. Mas, ao menos, já sabia eu de antemão que se o probo escritor que é Albert Camus se resolvera a dar-nos a reler essas páginas escritas ao correr dos dias não era por espírito mercantil, nem para me comprazer.

Agora posso dizer que seria realmente uma pena que nós não as relessemos; e acrescentarei, em meu nome e em nome de muitos outros, que as releremos, decerto, ainda muitas vezes. "Actuelles" não é um retorno à realidade de ontem. Assim reunidos e classificados, editoriais que percorremos algumas vezes de olho distraído formam um conjunto vigoroso e coerente. Dessas idéias ligadas em feixes se extrai uma doutrina, uma regra de vida.

"Actuelles" merece, pois, ser assinalado como um dos nossos modernos livros que fazem pensar, um dêsses testemunhos que devem ser colocados no melhor lugar de nossa biblioteca, sempre ao alcance da mão.

—X—

Há, em Camus, uma curiosa mistura de pessimismo racionado e de otimismo heróico. Desespera-o a condição dos homens. Sonha para êles com uma justiça, que reclama novas definições, um novo equilíbrio, novos combates. Dois caminhos nos aconselha evitar para chegar a êsse fim: o ódio e o perdão. Não é revolucionário, na acepção em que muitos entendem; também não é um cristão e não se gaba de o ser: "Sempre — escreve êle — que eu falei de justiça a propósito da depuração, o sr. Mauriac falou de caridade. A virtude da caridade é bastante singular para que eu, ao reclamar justiça, tenha tido o ar de me bater pelo ódio. A julgar pelo sr. Mauriac, parece, realmente, que somos obrigados a escolher, nesses negócios cotidianos, entre o amor de Cristo e o ódio dos homens. Não, decididamente! Alguns há, entre os quais nos encontramos, que recusam a um tempo os gritos de detestação que nos vêm de um lado e as solicitações enternecidas que nos vêm do outro. E nós procuramos, entre os dois, essa justa voz que nos dará a verdade sem vergonha".

Um dia (era de 1948) o sr. Camus fez, na presença dos dominicanos de Lateur-Mauborg, uma conferência, que agora inclui em seu livro sob o título de L'Incrovant et les Chrétiens. Mostra-nos aqui tôda a sua alma. Após se haver defendido contra a acusação de ser um desses: "fariseus laicos que fingem crer que o cristianismo é coisa fácil e procuram exigir do cristão, em nome de um cristianismo visto de fóra, o que êles não exigem a si mesmos", diz-nos de seu respeito, mas também de seu afastamento da religião: "Tenho, como vocês, o mesmo horror do mal. Mas falta-me a vossa esperança e continuo a lutar contra êsse universo em que as crianças sofrem e morrem.

Não oculta a sua tristeza por não ter ouvido, durante os anos terríveis, a voz de Roma condenar expressamente os Bárbaros: "Explicou-se-nos depois que a condenação tinha sido lançada, mas nessa linguagem das encíclicas que não é clara". Não parece que estamos a ler do melhor Anatole France? Mas a ironia do velho mestre é arma de que Camus se serve raras vezes. Ei-lo, novamente, de peito e mãos nuas, a confessar seu tormento: "Sinto-me um pouco como êsse Agostinho ante o cristianismo, que dizia: "Procuro donde vem o mal e não acho..." Mas é verdade também que sei, como alguns, o que há a fazer, se não para diminuir o mal, ao menos para não o aumentar". Chama, pois, os cristãos ao combate; suplica-lhes que não deixem arrancar à religião essa virtude de revolta e indignação que ela tinha outróra, sem a qual os cristãos poderão viver, mas o cristianismo morrerá.

E termina por êste grito magnífico: "O que eu sei, e o que faz, às vezes, a minha melancolia, é que se os cristãos se decidissem, milhões de vezes — milhões, ouçam bem! — se viriam juntar no mundo aos gritos de um punhado de solitários que, sem fé nem lei, combatem hoje, por tôda a parte, um pouco e sem cessar, pelas crianças e pelos homens".

—X—

Com os comunistas, o sr. Camus é muito mais severo. Em uma carta dirigida ao deputado d'Astier de la Vigerie, um de nossos "marqueses vermelhos", escreve: "Um dos vossos me manda seu livro sôbre o marxismo, cortezmente, aliás, mas notando-me que eu não aprendi a liberdade em Marx. E' certo; aprendi-a na miséria. Mas a maior parte de vocês não sabe o que essa palavra quer dizer"...

E, de súbito, o sr. Camus se embala, esgrimindo para todos os lados seu chicote de polemista. Denuncia a vergonhosa época em que o livre diálogo entre os homens foi substituido pela polêmica e pelo insulto. E exclama em um Congresso internacional de escritores: "Vivemos num tempo em que os homens, levados por mediocres e ferozes ideologias, se habituam a ter vergonha de tudo. Vergonha de si mesmos, vergonha de serem felizes, de amar e de criar. Num tempo em que Racine se envergonharia de "Bérénice e em que Rembrandt, para que lhe perdoassem a "Ronda da Noite", correria a inscrever-se no Comissariado da esquina..." Constata com horror que o século XX é o século do medo, como o XVII foi o das matemáticas, o XVIII das ciências físicas, o XIX da biologia, e que esse medo força os homens a viver "cada vez mais como cães". Bem queria chamar a inteligência em socorro disso, mas não terá ela também um chumbo na asa? "Vichy ensinou-nos que a grande responsável da derrota foi a inteligência. A gente rural tinha lido muito Proust". Ainda hoje, seis anos após essa magnifica aurora que foi a libertação da França, da Europa, do homem, a inteligência corre o risco de se extinguir mais uma vez na noite das ditaduras.

Em cada página, entretanto, o sr. Camus continua a clamar sua resistência e esperança. Espera que a cultura européia sobreviva entre dois impérios gigantes. Espera um novo contrato social; espera ver edificar-se a justiça "no mais injusto dos mundos". Espera ver o homem reconquistar "Esse gôsto do homem, sem o qual o mundo nunca será senão solidão".

Esperança em uma revolução internacional, não a da política interna, pois que "não se cura a peste com meios que se aplicam ao reuma do cérebro". Tudo isso exposto com tanta solidez, como flama. Após Malraux, Albert Camus mostra-se ao mundo como um dos chefes da jovem literatura contemporânea. Razão e generosidade coexistem na sua obra. Encontrei, em "Actuelles", toda a sabedoria francesa, acompanhada em surdina, dos mais belos movimentos da "Nona Sinfonia" Leiam êsse livro de exaltação.



'Auto-retrato 1913" — STANLEY SPENCER

RETRATOS CÉLEBRES

ALLAN GWYNN JONES organizou um dos albuns mais interessantes em matéria de pintura, que vem de ser editado em Londres, pela Phoenix House. Trata-se de "PORTRAIT PAINTERS", isto é, de uma coletânea dos retratos europeus, dos pintores mais célebres, desde o periodo greco-romano até o fim do século XIX, incluindo-se ainda nesse volume vários retratos por pintores inglêses dêste século. A edição dêsse "PORTRAIT PAINTERS" constitui uma realização primorosa daquela editora, pois foi feita não apenas com excepcional bom gosto, mas com material de primeira qualidade, o que permitiu a reprodução das telas com beleza e fidelidade. Além do prefácio de Gwynn Jones, o album em questão oferece um rápido estudo sôbre os primeiros retratos pintados na Europa, além de uma nota critico-biográfica sôbre todos os pintores arrolados nessa obra, assim como do trabalho nela reproduzido. Através dêsse retratos, pintados por artistas de diferentes épocas,

podemos acompanhar com segurança a evolução das diferentes escolas de pintura e as tendências típicas das épocas. Em "PORTRAIT PAINTERS" temos reproduzidos retratos pintados por Giotto, Pascanello, Van Dyck, Antonello, Da Vincci, Bellini, Durer, Chirlandaio, Rafael Vermeer, Le-Nain, El Greco, Veronese, Tintoretto, Ticiano, Rubens, Velasquez, Franz Hals, Watteau, Boucher, Delacroix, Ingres, Manet, Renoir, Gauguen, Cèzanne, Hogarth, Gainsbourough, Reynolds, Whistler, e os pintados pelos inglêses neste século, tais como os de Sickert, Rothenstein, Gilman, Augustus John, Windhan Lewis. Grant, Pasmore Stanley Spencer, e muitos mais. Os retratos de todos êsses artistas, considerados obras-primas e que hoje enriquecem museus e coleções particulares no mundo inteiro, temos nesse album da Phoenix House que é, sem dúvida, o trabalho mais completo já aparecido sôbre o gênero.

—*—

"Sempre me dirigi aos homens isolados" — diz Hermann Hesse, o autor do "Lobo da estepe"

O GRANDE romancista Hermann Hesse, prêmio Nobel de literatura, em artigo recentemente publicado num jornal de Zurich fez várias considerações sôbre a hora atual, das quais destacamos, por muito expressivo, o trecho abaixo.

"Segundo a minha experiência — diz o autor do "Lobo da Estepe" — o pior inimigo do homem é o gosto da coletivização, proveniente da preguiça intelectual e da necessidade de repouso. O mal está nas comunidades dogmática, sejam elas de que espécie fôr. Em tempos de desespero como o nosso, há velhos intelectuais, cansados de exercer as respectivas funções que se convertem para refugiar-se à sombra de uma seita qualquer, comunista ou não. Não condeno nenhum desses que já não possuem força para suportar a solidão. Entretanto, posso assegurar, de minha parte sempre me dirigi aos homens isolados; eles que até hoje me preocuparam e não o homem coletivo. Se os meus esforços não têm sido inteiramente vãos os que deles já se beneficiaram — algumas duzias de meus leitores, espiritualmente formados por mim — devem ser, como eu, solitários. Não tenho logrado outro êxito senão o de sustentar esse pequeno número de homens — discipulos e camaradas — na sua luta por uma existência humana digna".

VARIAÇÕES SÔBRE O GÊNIO LIRICO PORTUGUÊS

JOÃO GASPAR SIMÕES

A INFLUÊNCIA da poesia francesa sobre a portuguesa é um fato definitivamente assente pelos historiadores da literatura. Remonta ao *Cancioneiros* tal influência, e é sabido como uma das primeiras fases da nossa história literária leva apensa a designação de "escola Provençal". Deus me livre de pretender desmentir os doutos historiadores da literatura portuguesa, tanto mais que fatos absolutamente objetivos servem de fundamento aos seus pontos de vista. Não é fácil negar que a poesia provençal tenha inspirado os nossos primeiros trovadores. Muito difícil seria demonstrar que Guerra Junqueiro não leu Victor Hugo nem admirou Baudelaireá que os "simbolistas" franceses não deslumbraram Eugenio de Castro; que Rimbaud não foi deus tutelar de alguns poetas da "Presença; que Paul Eluard não está a ser imitado por alguns jovens contemporâneos; que Max Jacob. Apollinaire e o próprio Jean Cocteau não foram os patronos da geração saída do *Orpheu*. Estamos perante fatos indiscutíveis. Os historiadores da literatura têm razão.

No entanto, objetivos embora, estes fatos não se nos afiguram tão indiscutíveis como à primeira vista parecem. Eis um ponto de vista que tenho sustentado teimosamente nos meus ensaios e críticas.

O primeiro estudioso da história literária portuguesa que demonstrou quanto eram precárias as influências da poesia francesa sobre a nossa foi um francês. Refiro-me a Pierre Hourcade. No seu livro consagrado às influências francesas na obra de Guerra Junqueira, Hourcade comprova, inclusivamente, este caso extremamente curioso — que o Baudelaire que o autor de *A morte de D. João* julgara admirar, lifiando-se, inclusivamente, na "escola satânica", a escola do mestre das *Fleurs du Mal*, segundo o autor de *Os Simples*, não era tal Baudelaire propriamente dito, mas Carlos Fradique Mendes, mistificação da gente do "Cenáculo" e autor de uma série de maus *pastiches* do grande poeta francês.

Na verdade, é pouco lisonjeiro reconhecê-lo, mas há que reconhecê-lo, poucos são os poetas portugueses cuja cultura ofereça a consistência necessária para que os possamos considerar capazes de estudar com a devida atenção a obra dos grandes poetas estrangeiros. E' certo que parece demonstrada a vasta cultura de um Camões — a quem os eruditos fizeram doutor em várias Faculdades — e que é inegável que um Sá de Miranda, um Antero de Quental ou um Fernando Pessoa muito leram e muito souberam. Mas estes poetas não são casos correntes da nossa literatura. Há que considerá-los, antes, como notáveis excepções. A regra é outra: na generalidade, os nossos poetas são de uma manifesta incultura. Se é crença geral do literato português que o génio supre o trabalho e a leitura — já Ramalho Ortigão assinalava, nas suas *Farpas*, que, no conceito do frequentador das tertúlias dos cafés do Chiado, escritor que trabalha não tem talento —, a convicção do poeta é, que, para se ser génio, não se deve saber ler nem escrever. E não há dúvida — alguns dos nossos melhores poetas contemporâneos são de uma orgulhosa ignorância.

Há dias assinalava eu algures o fato deveras sintomático do nosso Camilo Pessanha, o mais genuino dos nossos "simbolistas", ter encontrado a expressão musicalmente difusa da sua poesia não na leitura que porventura tenha feito de Verlaine ou de Samain, mas, antes, na atmosfera oriental que respirou durante dezenas de anos, uma vez que viveu grande parte da sua vida — até à morte — em terras da remota China. E, assinalando este fato, visivelmente demonstrava que, quaisquer que fossem as influências diretas contraídas, durante os seus anos de estudante, na leitura dos "simbolistas" franceses ou mesmo dos portugueses de então — o Junqueiro de *Os simples*, o Gomes Leal das *Claridades do Sul*, o Antonio Nobre do *Só*, o Eugénio de Castro dos *Oaristos* — o certo é que o autor da *Clepsidra* apenas quando "viu a luz em um país perdido" e sentiu que a sua "alma (era) lânguida e inerme" penetrou na essência do "simbolismo".

Não pode deixar de traduzir-se em homenagem ao espírito poético nacional esta aparente impenetrabilidade da inteligência do poeta português às sugestões das escolas estrangeiras. Bem certo que, a par do lirismo cem por cento espontâneo — o caso típico da genialidade poética de um João de Deus, que confessava pouco mais ter lido que a *Marília de Dirceu* e o "Diário de Notícias", há entre nós poetas de elaborada expressão intelectual. Não vale colocar no mesmo plano Camões e Bernardim Ribeiro, Antero e Bocage, Eugénio de Castro e Antonio Nobre, Fernando Pessoa e Mario de Sá-Carneiro. Enquanto uns são mentalidades trabalhadas pela cultura e estros afinados pela especulação mental, os outros pouco mais são que liras ao vento — almas miraculadas pela presença do deus da poesia. Mas o certo é que, diferentes como formação mental, como temperamentos poéticos não acusam grandes divergências.

Claro está que o autor de *Os Lusiadas*, soube, como ninguém, adotar os cânones da epopeia consagrados por Vergílio na sua *Eneida*, que Antero afinou a sua lira pela dos mais clássicos sonetistas italianos, que Eugénio de Castro refez o seu "simbolismo" pelo padrão do "simbolismo" de um Samain ou de um Laforgue, e que Fernando Pessoa conquistou grande parte da sua liberdade formal adotando os esquemas rítmicos de Walt Whitman. Se nos dermos, porém, ao cuidado de observar, atentamente, a poesia de qualquer destes poetas, pelo menos através das suas obras mais espontâneamente líricas, teremos a surpresa de verificar que aí o modelo se desvaneceu e o poeta retomou uma tradição implacável — a tradição dos mais genuinos líricos nacionais.

E' o mesmo sangue lírico que corre nas veias do melhor Camões e do melhor Bernardim, do mais genuino Bocage e do mais genuino Antero, do mais legítimo Antonio Nobre e do mais legítimo Eugénio de Castro, do mais puro Fernando Pessoa e do mais puro Mário de Sá-Carneiro.

Muito bem pode acontecer que no espírito do leitor se esteja gerando a dúvida que por momentos atravessou o meu próprio espírito. Afirmar o que eu estou afirmando não é, no fim de contas, reconhecer uma banalíssima verdade — que todas as manifestações de uma mesma literatura, seus melhores documentos, conservam uma fisionomia afim?

A pergunta pode fazer-se, mas a resposta é só uma: não. Não é, realmente, a mesma coisa. Evidentemente que todas as literaturas têm o seu caráter especifico. De Fernão Lopes a Oliveira Martins e de D. Francisco Manuel de Melo a Afonso Lopes Vieira — uma continuidade estrutural se afirma nova.

Basta que a lingua seja a mesma, e a sensibilidade, produto de um idêntico condicionamento rácico e geográfico, histórico e econômico se mantenha igual a si própria. Tal não é, contudo, o que consideramos genuinamente típico de todos os verdadeiros poetas portugueses, qualquer que seja a sua formação mental e o seu estofo cultural.

Quando Eça de Queiroz enviou à "Gazeta de Portugal" as suas *Notas Marginais*, não faltou quem pusesse a ridículo o caráter fantasioso dessas "prosas bárbaras", que mais pareciam a tradução verbal dos sonhos de um poeta que a expressão da realidade devida à pena de um prosador.

Pois bem: se nessa altura o leitor perspicaz tivesse tido a lembrança de procurar na prosa portuguesa uma página susceptível de lhe fornecer o padrão genealogico daqueles "dispautérios" líricos, era certo têla encontrado alguns séculos antes. Será, realmente, descabido afirmar que o modelo inconsciente das *Notas Marginais*, de Eça de Queiroz, se encontra na *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro?

Eis o que me não parece já tão fácil de investigar: qual a linhagem portuguesa das páginas de um *Crime do Padre Amaro?*

Tentado pelo êxito das suas anteriores investigações, o leitor que tivesse filiado as *Prosas bárbaras* em Bernardim Ribeiro ver-se-ia em palpos de aranha para filiar em qualquer ramo da prosa de ficção portuguesa uma obra como o primeiro romance de Eça de Queiroz.

Que conclusão nos é licito extrair daqui? Esta e só esta — que há na tradição literária portuguesa uma espécie de "intra história", como diria Miguel de Unamuno, tipicamente lírica, e essa "intra história" lírica não é do domínio das fórmulas literárias, como as escolas ou os princípios retóricos, sendo inútil tentar encontrar-lhe qualquer filiação além fronteiras. Na verdade, tal essência lírica não é a tradução, em termos mais ou menos nacionais, de qualquer corrente literária estrangeira.

Não é siquer um processo, estilo ou maneira literária. Não. O fato de eu ter recorrido às *Prosas Barbaras* para documentar a genuinidade desta bossa lírica portuguesa, depois de tanto falar de poetas, por insólito que pareça apenas é uma forma de tornar ainda mais preciso o caráter da afirmação que sustento. O tal elemento comum à obra de todos os grandes poetas nacionais, naquilo em que êles são nacionais, isto é, naquilo em que êles são genuinamente líricos, constitui antes um "modo psiquico" que uma fórmula literária". Eis, por isso mesmo, porque tanto aparece na prosa como no verso.

Irredutivel à cultura e à razão, qualquer coisa se manifesta no homem, quando ele desce à sua íntima subjectividade, em que se traduz, não se sabe como nem porque, a sua forma espontânea de reagir perante o mundo. Se um francês integrado nessa íntima subjectividade, reage, espontaneamente, distinguindo e analisando; o português, pelo contrário, a sua maneira espontânea de reagir é aderindo ao mundo e exprimindo-o, como se entre os dois não houvesse qualquer distinção — como se ele, poeta, fosse o mundo, e como se êle, mundo, fosse poeta, como se sujeito e objeto se confundissem, o eu e o não-eu se identificassem, o homem e o mundo formassem uma unidade cósmica. Perdoe-se-me esta vaga definição de lirismo. Parece-me, contudo, quanto basta para que o leitor compreenda o que considero a maneira castica de o português responder à realidade quando esta lhe pede que exprima a sua maneira pessoal de se comportar para com ela.

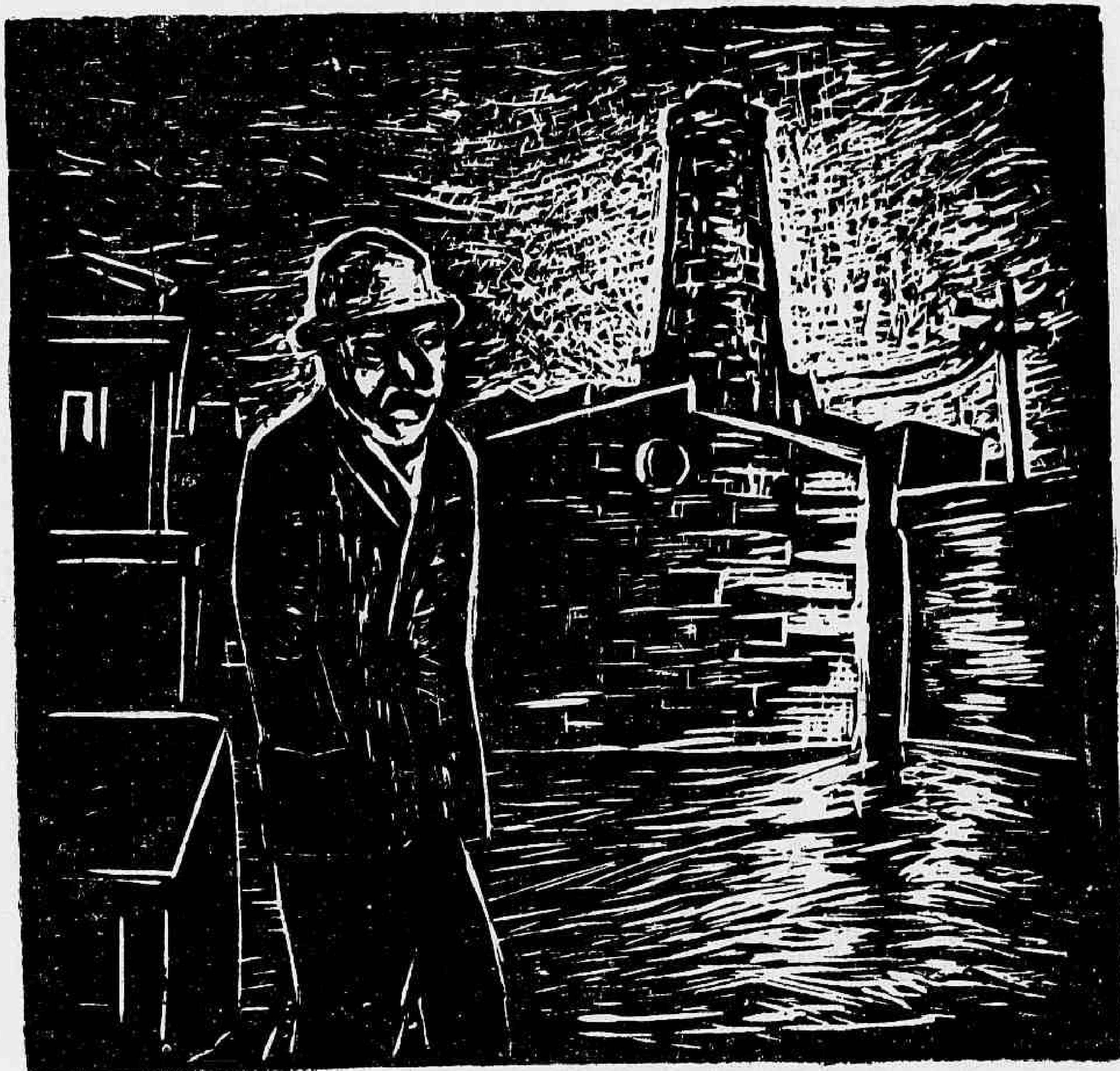
O tipico estilo lirico da **Menina e Moça**, julgado não há muito por Aquilino Ribeiro, no prefácio à reedição das **Obras completas de Bernardim Ribeiro**, que a Livraria Sá da Costa, de Lisboa, está a publicar, "especulação de paranoico", estilo "primário", "solilóquio lunático", "arroubo lirico", "pueril", "variação centrifugada", — opinião típica de um **prosador** que não sabe sequer que também é lírico, e que ignora, mesmo, que apenas é grande quando, como prosador, se aproxima do lirismo que abomina — eis o "test" inalterável, nas suas linhas essenciais, através do qual se podem aferir todas as manifestações tipicamente líricas da nossa literatura, quer em prosa quer em verso.

Por que escolhi eu, porém, uma obra em prosa para documentar um ponto de vista sôbre a poesia portuguesa? Apenas porque a "prosa", quando é despremeditadamente lírica, revela melhor os enlaces da estrutura mental que a enforma, As **Prosas barbaras** e a **Menina e Moça** são dois documentos de uma inexcedivel frescura. Neles o nosso modo lirico está como que em estado bruto.

Na verdade, tanto nas efusões de Bernardim Ribeiro da **Menina e Moça** como nas ejaculações do Eça das **Notas marginais** — se denuncia a mesma reação perante a realidade: essa espécie de fusão com o mundo mercê da qual o escritor, perdido o sentimento do eu, se exprime como se fosse o próprio mundo com o qual se encontra identificado.

Quer dizer: o modo lirico da alma portuguesa é como que um afloramento inconsciente do primitivo no civilizado. O nosso escritor, quando se identipica com o que há de mais genuino no seu gênio, regressa, subitamente, às origens — faz-se primitivo. E, assim, gra-

(Conclui na 10.ª página)



Xilogravura de OSWALD GOELDI

POEMAS EM PROSA DE JOSE' REGIO

APOLOGO

Atirei uma semente ao vento...

"Vento, leva-a na mão! Mas tem cuidadinho com ela: olha que é uma pequenina semente... Procura-lhe um chão favorável.

Loucuras da gente!, que pede coisas a quem sabe mais.

Irònicamente, o vento quis fazer-me a vontade: Foi pô-la num jardim onde havia boa terra, bom sol, boa água; um jardim bem tratado.

Veio o jardineiro, e remexeu a terra; a pequenina semente foi atirada ao ar sem mesmo ser vista. Como o seria, tão pequenina, em tão grande jardim...?

Vai o vento, então, pegou outra vez de ela, mas foi pô-la onde quis: num dedal de terra entre penhascos.

E a pequenina semente aproveitou aquele bocadinho de terra que ninguém tratava, entre aqueles ásperos penhascos; medrou e deu flor.

Quem passa cá em baixo, se olha lá para cima, é porque o atrai, na escarpa da rocha, a frágil florinha dançando ao vento seu amigo...

AMOR

Quando apareceste na minha vida, era eu novo e tu muito bela. Amei-te como um homem novo e apressado ama a beleza: desejando-a; querendo-a sua; aspirando a triturá-la...

Um homem novo e apressado — ama a beleza como uma criança ama um brinquedo.

A vida meteu-se entre nós dois, e ainda bem!

Já não sou novo, nem tu serás tão bela. Aonde estás, se é que ainda és viva? Porventura outrem te possuiu e desfez, belo brinquedo!

E só agora te amo deveras, fantasma: porque te amo sem a inquietação de querer triturar-te, como sem qualquer remorso de te haver triturado..

RESSENTIMENTO

Quis comunicar contigo, amigo distante!

Pedi aos sons, pedi às palavras, pedi às frases que te levassem as minhas melodias mais sutis; os meus sentimentos mais íntimos; os meus pensamentos mais autênticos; — sim, o melhor que eu tinha!

Mas tu fechaste os ouvidos às minhas melodias; fechaste o coração aos meus sentimentos; fechaste o entendimento às minhas idéias: ficaste fechado, — tu que eu sonhara abrir.

E, muito naturalmente, não mo pudeste perdoar; fizeste profissão de me não compreender; começaste a caluniar-me junto do teu irmão mais novo, junto do teu irmão mais velho, junto do teu irmão gêmeo...

Ai! bem sei qual é o meu pecado para contigo! Quis ajudar-te a descobrir os teus próprios tesoiros, — e só consegui fazer vir a lume a tua miséria. Por isso já tenho toda a tua família contra mim.

CARIDADE

Exiges que eu me compadeça dos outros, quando também eu padeço; que lhes dê compreensão e amor, quando também eu os preciso; que lute pela sua felicidade, quando também ela me falta; que lhes consagre a minha vida, quando eu malvivo...

Exiges-me que seja herói!

E não há dúvida que tens muita razão: Também eu o exijo a mim próprio, com tão débeis resultados!

Por que me não ajudas um pouco, tu que tanto me exiges? e me não dás alguma coisa, tu que tanto me pedes? Talvez, então, também eu conseguisse um bocadinho mais da minha avareza...

MALRAUX E SEU MUSEU IMAGINARIO

BERNARD DE CHAMPIGNEULE

UM após outro acabam de aparecer dois livros de Malraux: o terceiro volume da **Psychologie de l'Art**, intitulado **La Monnaie de l'Absolu**, e **Saturne, Essai sur Goya**, que é uma espécie de prolongamento da psicologia.

Êsses dois livros pertencem a um gênero novo que o autor levou a um raro gráu de perfeição. Sua fôrça — e grande parte do nosso prazer — consiste, é certo, na escolha e na qualidade das ilustrações. Mas Malraux não comenta imagens. As imagens vêm em apoio de suas digressões. Constituem o seu complemento. A forma densa e elíptica de sua linguagem é iluminada pela reprodução fotográfica, colocada na devida altura. Folhear essas soberbas imagens sem ler o texto seria vão deleite. Tirar a ilustração ao texto seria extinguí-lo.

Teria deixado Malraux de escrever romances? De momento, sua necessidade de testemunhar, de situar em seu universo o homem contemporâneo, exprime-se plenamente nesse recurso a que êle chama o "museu imaginário". E tudo leva a crer que êsses dialogos com as obras de arte do presente e do passado, que não é, de forma alguma, uma posição de recuo ou um refúgio contra as angústias do mundo, não devem ser consideradas como simples episódios em sua atividade. Dirige a "Galeria de la Pleade", da livraria Gallimard, que deve corresponder a célebre coleção da "Bibliothèque de la Pleiade". Anuncia-nos algumas séries de obras que constituirão o "museu ideal da escultura mundial" e o "museu ideal da arte fantástica".

Tudo isso indica claramente que o autor de "La condition humaine" não satisfaz suas paixões de intelectual na agitação das multidões e da política, mas que se sente ávido, na atual crise de nossa civilização, de recorrer aos testemunhos mais profundos e seguros de tôdas as civilizações do passado, isto é, às mensagens de arte que essas civilizações nos legaram.

Logo no começo do seu último livro, surge a questão "Se somos em arte, os primeiros herdeiros da terra inteira, essa herança sofreu a metamorfose mais complexa que o mundo já conheceu". Habituados como estamos a ver as obras do passado transformadas pelo tempo pela sua nova situação, pela idéia que nós dêle formamos — e às vêzes em sua própria essência (esculturas privadas de suas pinturas, quadros revestidos de vernizes coloridos, etc.) — perdemos sua significação original. Assim, as partes mais sugestivas da obra são, decerto, êsses pontos de vista sôbre os "deuses mortos", sôbre o menosprezo e a ressurreição que tem sofrido, através dos séculos, os estilos ou as formas da arte do passado. O desenvolvimento das viagens, da fotografia, dos museus foi talvez o que fêz de nós os "primeiros herdeiros da terra inteira". E depois? Faremos nós da obra de arte uma idéia justa que a de nossos antepassados, tão limitada e tão ingênua como hoje nos parece a sua visão? Referiam-se a critérios que hoje nos parecem caducos, como a imitação da natureza ou a relação com os modêlos da antiguidade clássica. Mas que critérios temos nós hoje? Quais os estilos que nos agradam, os meios de expressão que nos impressionam? Nada de mais mutável e mais sujeito a revisão. Recorremos ao universo inteiro para investigar as zonas onde podem manifestar-se as concordâncias de nossa sensibilidade com a dos criadores de todos os tempos. Não os julgamos segundo o sentido que êles deram à sua criação, mas segundo a emoção que esta nos dá, segundo suas relações com a nossa "modernidade". Na Idade Média, um quadro que representasse uma Virgem era uma Virgem antes de ser uma combinação de côres. E procurando, hoje, apenas nele uma combinação de côres, falseamos os dados elementares da criação artística.

Não é possível passar-se em revista, mesmo de leve, às idéias que pululam nesse livro de uma excepcional riqueza, mas que nos seja permitido ao menos assinalar o capítulo complementar — consagrado às moedas célticas. Até agora negligenciadas na história da arte, sua ampliação fotográfica dá-nos o ensejo de ver aí uma arte enérgica e uma violência que estão longe de atingir as artes cristãs dos primeiros tempos. O que nos vale descobrir imagens surpreendentes — muito próximas, demasiado próximas, da arte de certos contemporâneos — e também um estudo penetrante sôbre a arte considerada como expressão, como expressão direta do instinto.

Em sua **Psychologie de l'Art**, Malraux insiste muito sôbre o sagrado e sôbre a sua contrapartida, o demoníaco. "Saturne é a apoteose diabólica de seu monstro que devora os homens. E é para chegar a essa imagem alucinante pintada na Casa do Surdo (sua própria casa) que nós atravessamos o mundo apocalíptico de Goya, com seus cortejos de loucos, de bruxas, de possessos, de violentos e de torturados. Pouco importa saber se o autor solicitou o pintor, se atribuiu a Goya intenções metafísicas mais sombrias que as que êle realmente tinha. A obra está ali. Escolhida por Malraux, é certo imerge-nos em um mundo de espanto, sem horror, sem esperança humana e sem Deus.

Desde a Renascença, desde o Século de Ouro, o homem aceitava o mundo. O humanismo ia buscar sua grandeza à cristandade. Mas eis que no limiar do século XIX surge Goya com seus "Desastres", com seus "Caprichos", com suas Velhas e suas visões infernais da Casa do Surdo. O horror chega ao seu cúmulo. O vício estala, rangendo os dentes, em cênas de crueldade. O espírito da Guerra, o espírito do Mal espalha-se, monstruosamente, sôbre o universo.

Malraux nunca foi tão direto como quando nos conduz através dessas paisagens de sangue e trevas, em que "as máscaras já não são o que oculta o rosto, mas o que o fixa". Saturno é a volta do sagrado, mas de um sagrado anterior e sem salvação, é a intrusão da loucura do homem, de sua violência, de seus sadismos, de tudo quanto nele aspira a destruir-se. Mauraux faz-se um companheiro de Goya, o solitário. Mas antes de abandoná-lo a seus pesadelos, há uma frase muito breve, muito sinistra, uma espécie de projeção sôbre os tempos em que hoje vivemos: "Depois, escreve êle, começa a pintura moderna".

Como Gide traduziu o "Hamlet" no seu refugio da Tunisia

JEAN AMROUCHE

A tradução do "Hamlet", que tem sido um dos grandes êxitos de Jean Louis Barrault, foi terminada por André Gide em 30 de agôsto de 1942, em Sidi-Bon-Said. Quem folhear as páginas do diário do escritor relativas a essa época não chegará a imaginar o lugar imenso que êsse trabalho ocupou na sua existência durante mais de 3 mêses.

Gide havia deixado Marselha em maio de 1942, muito acabrunhado pelo estado em que se encontrava a França; enfraquecido pelas privações, entristecido porque se separava — por quanto tempo? — da família e dos amigos mais queridos; inquieto, porque nada sabia das condições morais e materiais de existência que a Tunisia lhe ofereceria. De certo, deixar a França seria possivelmente encontrar a salvação. Era, em todo caso, escutar o apêlo de uma terra que, à distância, poderia parecer mais livre e mais feliz. Como é sabido, uma amizade de cincoenta anos já o ligava a êsse pequeno país, para êle dispensador de alegrias irradiantes e onde fizera tantas descobertas. Gide ouviria ainda o apêlo do sul, da luz do deserto e das palmeiras, que já lhe haviam inspirado alguns dos acentos mais emocionantes? Ou presentiria acontecimentos decisivos para breve e a liberdade tomando impulso justamente na Africa?

Ao desembarcar na Tunisia, Gide parecia um velho decrépito; algumas semanas mais tarde rejuvenescia vinte anos

Sem dúvida, não encontrara êle o conforto que talvez procurasse e que dispensa, aliás, facilmente.

Os hoteis estavam cheios, o calor esmagador. No Tunisia-Palace, onde se hospedara, a despeito da atenciosa proteção de que o envolvera o livreiro Marcel Tournier, via-se assediado pelos indiscretos. Procuramos em vão para êle um retiro, onde pudesse trabalhar à vontade, quando uma médica de Tunis, a doutora Raymonde de Gentile, ofereceu-lhe hospitalidade numa vivenda encantadora em Sidi-Bon Said.

A hora era de angústia. Rommel acabava de desencadear sua última ofensiva na direção de Alexandria e não tardamos a receber a notícia da inexplicável rendição de Tobruk.

Vichy acentuava sua pressão e Gide, denunciado no púlpito pelo velho padre Lebong, dominicano, estava sendo alvo dos ataques da Legião. Houve assim a necessidade de retirar-se do mercado um magnífico exemplar de "Voyage au Congo", que devia ser posto em leilão, por ocasião de uma kermesse da Cruz Vermelha.

Em Sidi-Bom-Said, onde Gide permaneceu sozinho várias semanas, quase todas as preocupações lhe foram poupadas. Embora escreve ele a 22 de junho: "Resta-me alguma coisa a dizer? Alguma obra a reali-

(Conclui na 11ª pág.)

REFLEXÕES INATUAIS

SERGIO MILLIET

BEM sabemos que há um determinismo cultural e que certas invenções surgem, paralelamente, em lugares diversos em que uma soma idêntica de fatores as provocam. Há portanto uma lei de relação entre os traços e complexos culturais que explica o fato de ao mesmo tempo pessoas diversas, sem contato pessoal, sentirem da mesma forma e trazerem a debate idéias analogas. Assim aconteceu há tempos quando a teoria das constantes estéticas começou a ser discutida na Europa e na América. Assim parece ocorrer agora com a afirmação concomitante de vários críticos de arte sôbre o valor das exceções em relação com a regra geral. Em outras palavras, sustenta-se neste momento estético que a fôrça expressiva da liberdade formal (deformações, etc.) decorre da desobediência à lei da perfeição desejável e não da sua existência própria. O equilíbrio, a proporção, a variedade dentro da regra constituiriam a forma ideal da expressão estética e as deformações, o desequilíbrio, a invenção incontrolada tirariam sua eficiência de uma possibilidade de comparação. Em suma o anormal só seria anormal em contraste com o normal, ou aquilo por todos aceito como normal. Sem êste ponto de aferição o resto não existiria ou não teria nenhuma fôrça expressiva. Desse modo na obra de arte, para que o desequilíbrio exprima alguma coisa será necessária a presença concomitante do equilíbrio. Uma figura de Modigliani é expressiva porque sua deformação se choca contra uma estrutura geral de equilíbrio também presente na tela e sem a qual sua pintura nada mais teria de artístico. Daí a afirmação de Sweeney de que a inovação modernista só vale na medida em que leva em conta a tradição pictorica. Na medida em que acrescenta portanto soluções inesperadas às soluções esperadas que formam o fundo sólido da obra de arte e se incluem nas constantes estéticas de composição, invenção e sensibilidade.

Aparentemente essas observações não têm um alcance prático. Na realidade importam e muito, pois o que se verifica a cada instante na história da arte é o esquecimento do valor das regras, das leis, e a consequente deliquescência formal de que resulta em última análise a barbarie artística e literária, o nefelibatismo, o amesquinhamento e a anemia perniciosa da expressão. Da desobediência à lei com suas deformações fortemente expressivas passam os epigonos dos grandes mestres anarquicos à imitação servil dos sestros. E como não se ligam à tradição, nem mais noções possuem das constantes estéticas, desprendem-se como galhos mortos da árvore da arte e perdem tôda e qualquer significação.

Tanto quanto o convencionalismo, isto é, a obediência estricta e passiva da lei, é perigoso o olvido dela. As formas pre-estabelecidas e aceitas sem revolta conduzem à ausência de expressão, à chapa incolor capaz de servir à comunicação da vida cotidiana e vulgar mas imprópria à exteriorização das emoções e idéias mais profundas, mais ricas também e que são as únicas visadas pela arte. Mas o olvido da lei e da tradição induz ao arbitrário, à trapaça, ao inautêntico ou ao incomunicável. Não é então expresso o profundo, o essencial, e sim o superficial, o superfluo.

A deformação é como o pecado, que só existe enquanto se afirma dentro do individuo a noção do mandamento a ser obedecido. Quem peca não nega a verdade e a utilidade da regra. O pecador tem consciência de ser o mandamento necessário, e se o infringe o faz movido por outra necessidade contrária, imperiosa, individual sem a qual a sua personalidade não se realizaria. E essa realização depende no fundo da luta constante e com alternativas diversas em que individuo e grupo se empenham. O grupo impõe a lei e a homogeneidade; o indivíduo desobedece para afirmar a sua diferença. E' porém uma diferença dentro do universal e comum a todos. Uma diferença para a qual é imprescindível uma certa condescendência do grupo. O perdão do pecado. Sem êsse perdão, sem essa condescendência, o indivíduo seria esmagado, expulso, aniquilado. Seria um estranho não aceito pelo grupo e não uma personalidade dentro dêle. Deixaria de existir por ausência de relação, de paralelo, de aferição.

Vejo ainda um ponto importante nessas observações: o da afirmação do social. O homem como ser exclusivamente social, incapaz de viver e realizar-se fora do grupo, fora das leis, dos perdões, dos apoios dos seus semelhantes. A arte só pode florescer e exprimir se tiver eco, e ela só terá éco na proporção em que a desobediência pessoal ocorrer dentro do respeito à lei.

Creio que estamos numa época em que se verifica certo desinterêsse por êsses problemas. Os novos, de 50 anos para cá, no mínimo, vêm aos poucos esquecendo, e já agora muitos ignoram totalmente, seu lugar na cadeia das manifestações artísticas. Não explicará isso a baixa de nível dia a dia mais acentuada da produção mundial? Atentando-se, naturalmente, para as exceções geniais, os Picasso, os Braque, os Rouault, os Morandi que não esqueceram de resto e são, mesmo, quase os únicos a se preocupar com questões tão transcendentes. Haja vista seus escritos e suas mais empolgantes experiências. Haja vista a relação visível entre a pintura de Braque e a de Chardin, e a intimidade entre Rouault e os pintores de vitrais da Idade Média, em que pesem cubismo e expressionismo.

A PROPOSITO DE "MOBY DICK"

MANUEL DIEGUES JUNIOR

Não sei se já se registrou em "Moby Dick" a presença de elementos folclóricos; Herman Melville utilizou com muita habilidade aspectos que são do folclore americano. Isto, evidentemente, se sente com certa sutileza, pois sem estar em conhecimento mais aprofundado com êsse folclore torna-se difícil observar ou notar certas particularidades. Creio, entretanto, que o folclorista americano não terá dificuldade em encontrar em "Moby Dick" muito material de sua intimidade.

Ao lado do elemento pròpriamente folclórico, vamos encontrar também não pequena documentação etnográfica: a que se liga mais particularmente a costumes ou usos, a sistemas de alimentação ou a reuniões, que nos são descritas por Melville. Isto sem falar em certos detalhes quase inteiramente etnográficos: uma festa de casamento contada por Queequeg e realizada entre os nativos da ilha de Rokovoko, por exemplo.

Não é novidade, mesmo na literatura brasileira, a existência de romances ou novelas em que se utilizam elementos folclóricos ou etnográficos. São de tal grupo os chamados romances regionais; mas sabe-se também que mesmo romances não regionais ou locais têm utilizado aspectos do folclore brasileiro.

Isto mostra a riqueza dêsse material a ser utilizado para as obras de ficção.

Esta relação entre o folclore e a ficção não constitui nenhuma heresia, nem nenhum perigo literário. Parece, ao contrário, que se trata de contribuição das mais expressivas ligarem-se os dois elementos, isto é, aquilo que vem do povo, de sua espontaneidade, através de tradições que se legam de geração a geração, e a fôrça criadora do escritor. Duas grandes fôrças, aliás, se podem unir neste encontro: a da tradição popular e a da imaginação literária. Esta utilizando aquela, documentando-a nas expansões de suas idéias criadoras.

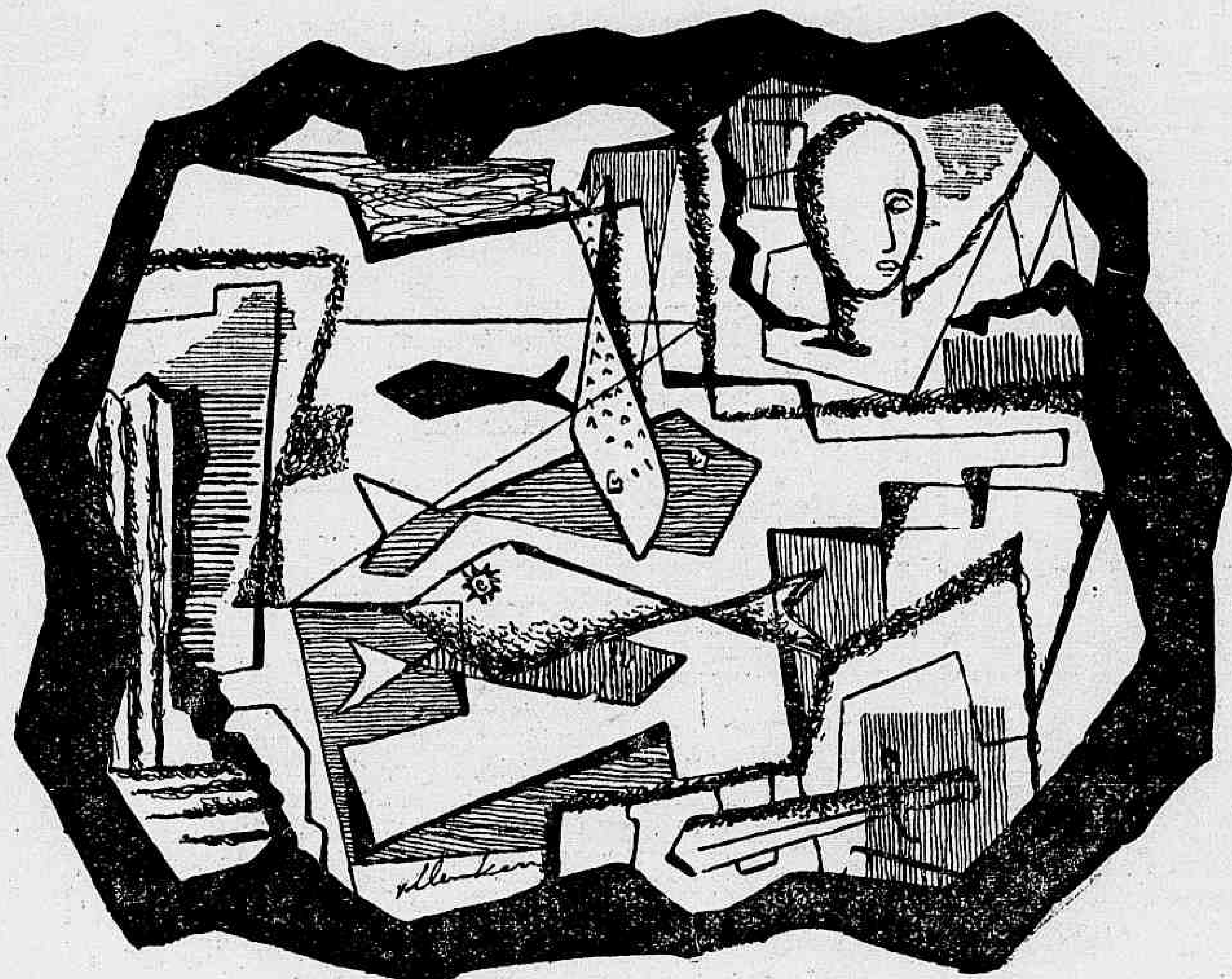
Pois a ficção, quando bem usada, não compromete a tradição popular. E' de crer que saiba bem aproveitar a riqueza da tradição, o que o folclore sugere, através das manifestações espontâneas das idéias do povo, do pensamento coletivo, das habilidades populares, manifestações tôdas estas que vêm de criação tradicional.

Tal o que sucede em "Moby Dick"; Herman Melville soube utilizar sua fôrça criadora de romancista no aproveitamento de aspectos folclóricos americanos. Mas o fêz sem que êsse aproveitamento se tornasse uma perturbação ou um desvio de sua imaginação ao criar as personagens de seu romance. Não estaria eu, aliás, longe de acreditar que a própria história é em si uma tradição, talvez uma velha história norte-americana. Minha insuficiência no conhecimento do folclore daquele grande país me impede de qualquer afirmativa nesse sentido; e igualmente de ir mais além na identificação dos aspectos folclóricos específicos da obra de Melville. Todavia, tanto uma coisa como outra a leitura do romance nos faz sentir; ou, pelo menos, sugere.

Evidentemente, a cada passo da leitura sente-se a fôrça dominadora do romancista; o interêsse da história vai num crescendo que prende o leitor a cada página. Domina o autor as circunstâncias, o ambiente, as cenas, para fixar e fazer sobressair sua idéia criadora. O que não exclui a possibilidade de haver, na história da baleia branca, uma reminiscência de velha storia. Os restos talvez de alguma tradição ligada à vida do mar de marinheiros americanos.

Figuras como Queequeg e o capitão Acab, que são sem dúvida os principais elementos humanos do livro, estão fixados de maneira indelével. Muitos dos traços de um ou de outro como que se grudam na gente, e com a impressão da leitura se tem a idéia de encontrá-los a cada passo. De ver um Queequeg num vizinho de ônibus ou um capitão Acab num transeunte.

O fato — êste é inteiramente fora de dúvida — é que Melville escreveu um grande romance; "Moby Dick" inclui-se entre as mais admiráveis obras de criação que um homem já imaginou e escreveu. Não falta razão a Augusto Meyer para afirmar que é, êste romance de Melville, a obra mais genial e fascinante da literatura norte-americana. Daí o interêsse em se ler esta tradução em português recém-lançada pela Livraria José Olímpio, através da qual se torna possível proporcionar à grande massa de leitores brasileiros o contacto imediato com a notável obra do escritor americano.



Desenho de YLLEN KERR

O DRAMA DAS ESTRÉIAS AUSPICIOSAS

E' UM entretenimento muito curioso e também instrutivo, procurar em jornais e revistas de trinta a quarenta anos atras noticias de livros, tidos como estréias auspiciosas e cujos autores nunca mais deram sinal de si, não se sabendo o que foi feito dêles e de sua literatura prometedora. Entretenimento curioso e instrutivo, dissemos. Podiamos acrescentar: melancólico. Eis aqui uma dessas noticias. Encontramos no número de 25 de junho de 1921 da revista paulistana "A Novela Semanal", a seguinte referência ao livro "Piraquaras", de Oliveira e Souza (Casa Editora "O Livro" — S. Paulo — 1921):

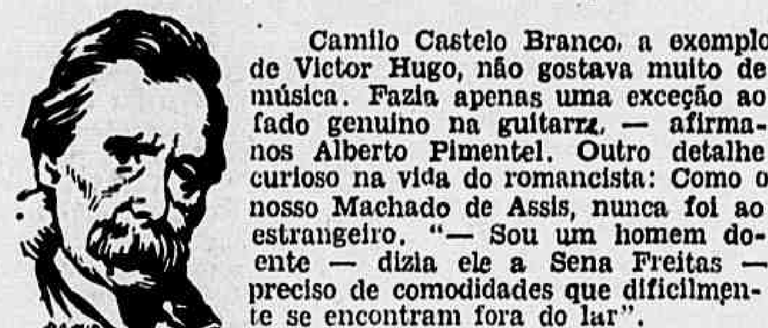
"O sr. Oliveira e Sousa apresenta-se com um livro de contos. E' uma estréia auspiciosa. O autor não é ainda perfeito senhor de si mesmo. Tem o estilo anguloso, irregular, estranho dos que começam. Ésses defeitos, porém, perfazem a massa de que saem os escritores. De resto, Oliveira e Sousa tem qualidades que o farão excelente contista, quando se desvencilhar de influências e se assenhorear do seu mister. E' o que esperamos para breve".

Ninguém nos dará por aí noticia do contista Oliveira e Sousa? Ah! O Moloch da literatura!...

PANORAMA LITERÁRIO



Camilo, a música e as viagens



Camilo Castelo Branco, a exemplo de Victor Hugo, não gostava muito de música. Fazia apenas uma exceção ao fado genuino na guitarra. — afirmanos Alberto Pimentel. Outro detalhe curioso na vida do romancista: Como o nosso Machado de Assis, nunca foi ao estrangeiro. "— Sou um homem doente — dizia ele a Sena Freitas — preciso de comodidades que dificilmente se encontram fora do lar".

O centenário de Domingos Olimpio

Poucas e sucintas notícias lembraram o centenário do escritor cearense Domingos Olimpio ocorrido no mês passado. O romancista de "Luzia-Homem", que estava de há muito esquecido, esteve em voga há dois anos atrás, com o aparecimento da nova edição do seu romance com o título acima, obra de grande mérito, na qual retomou o fio do regionalismo nordestino, preconizado por Távora. Regionalismo cujo apogeu foi atingido no movimento literário de 32. Mas Domingos Olimpio ainda é um escritor por estudar e ser devidamente situado no quadro das nossas letras.

Outras edições Saraiva

Acabam de aparecer, em edição Saraiva, "Poemas e Canções", de Vicente de Carvalho e "Fim de Primavera", de Frances Sarah Moore.

"Narrativas Autobiográficas"

A Empresa Gráfica "O Cruzeiro" vem de publicar "Narrativas Autobiográficas, do General Klinger.

O existencialismo na Itália

A Itália, por sua vez, descobre o existencialismo e muita gente começa a ver em Benedito Croce um precursor dessa escola. Entre os discípulos italianos de Sartre, citam Guido Piovene. Mas o autor de "La Novice" defende-se enèrgicamente dessa acusação.

— Não acredito em escolas — diz ele — Um escritor não escreve senão porque não pode deixar de fazer isso. Ou então, não é escritor.

Curiosidades Literárias

Jules Romains e os americanos

Perguntaram a um estudante americano o que ele pensava do novo livro de Jules Romains: "Salsette decouvre l'Amerique". E o estudante:

— Creio que nesse livro delicioso é, sobretudo, Jules Romains que se descobre à América.

Porque escreve Aldo Palazzeschi

Uma jovem admiradora perguntou a Aldo Palazzeschi se se divertia ele em escrever romances.

— O importante para mim — respondeu o escritor italiano — é divertir-me vendo os outros lerem o que escrevo.

O presente e o futuro

Uma frase de Fernand Crommelynck, cujo livro, "Claude et Froid", acaba de aparecer em Paris: diziam-lhe, amigàvelmente, que ele desprezava muito a obra de seus predecessores mais próximos, o que, de forma alguma se justificava. E Crommelynck:

— Não abrimos jamais as portas do futuro senão fechando as portas que estão atrás de nós.

As intimidades de um historiador

O diário íntimo de Michelet, cujos manuscritos se conservaram em sigilo depois da viuva do historiador e Gabriel Monot, ambos já mortos haverem publicado alguns fragmentos — já deveria ter sido publicado, uma vez que o sigilo já foi rompido no começo deste. O que, porém, vem adiando essa publicação é a dúvida em que vêm os possuidores de tais manuscritos sem saberem decidir se conservam ou não as muitas coisas escabrosas que Michelet ali conta sobre a sua vida íntima.

Jane Austen não quis encontrar-se com Mme: Stael

Ninguém menos exibicionista do que Jane Austen. Conta-se que Mme. de Stael, de passagem por Londres, teve o desejo de conhecer a romancista; várias pessoas dirigiram-se, então, a Jane Austen, pedindo-lhe para marcar um encontro com a autora de "Corinne". Jane respondeu-lhe que Miss Austen não podia aceitar um convite que se dirigia unicamente à romancista de "Orgulho e Preconceito".

Porque Baudelaire traduziu Poe

"Sabe — dizia Baudelaire, em carta a um amigo — por que traduzí Edgard Poe? Porque ele se assemelha comigo. A primeira vez que abri um dos seus livros vi, com espanto e arrebatamento, não sòmente os assuntos sonhados por mim, mas "frases" pensadas por mim e por ele escritas vinte anos antes".

Guerra Junqueiro e a sêca no Ceará

No centenário de Guerra Junqueiro, que se vem comemorando este ano, é oportuno lembrar-se haver o poeta composto uma poesia famosa sobre a "Sêca no Ceará", por ocasião de uma das mais terríveis sêcas que assolou aquele recanto do Brasil. Sem nunca ter visto a nossa natureza, Junqueiro conseguiu dar uma visão impressionante do flagelo, em versos tersos e cantantes como são todos os de sua autoria. Essa poesia, vendida em folheto, em favor das vitimas da sêca, rendeu uma contribuição valiosa.

Biblioteca de livros venezuelanos

A fim de tornar a Venezuela mais conhecida do povo brasileiro e estreitar os laços que unem os dois países irmãos, o sr. Antonio Rebelo de Almeida e sua esposa, a poetisa venezuelana Josefina Roges de Almeida, em colaboração com o sr. Adolfo Vivas Orellano franquerem em sua residência na av. Copacabana, 1.371, apartamento 52 aos interessados em assuntos exclusivamente venezuelanos uma pequena biblioteca, ainda em organização e que será ampliada mensalmente.

Os interessados serão atendidos todas as sextas-feiras, das 14 às 18 horas, mediante prova de identidade.

Peça de teatro de Maria de Lourdes Lebert

A romancista Maria de Lourdes Lebert, autora de "Estava Escrito", publicado em 1949 pela Editora Brasileira, de São Paulo, vem de concluir a peça teatral "A Estátua de Sal", que será proximamente encenada num dos teatros da capital bandeirante.

Morreu o caricaturista J. Carlos

Causou profunda consternação o falecimento, segunda-feira última, do grande caricaturista J. Carlos. Era uma das figuras de maior destaque nesse gênero artístico, principalmente, pela graça e o humor com que soube fixar aspectos e tipos da nossa vida politica, desde a memoravel campanha civilista. O traço de J. Carlos foi algo de típico e inconfundivel em nossas revistas nestas últimas décadas.

Um volume de versos

O sr. José Jorge publicou, há pouco, em edição da Gráfica Vasconcelos, um volume de versos de bom nivel poético. O livro em questão apareceu sob o título de "Lágrimas de Cristal".

Faleceu Abel Hermant

Faleceu no dia 29 do corrente o escritor francês Abel Hermant, um dos romancistas franceses da velha geração, que pertenceu à geração de Lucien Descaves, Paul Alexis, a geração de Zola e do naturalismo, embora seus romances não se encartassem na ortodoxia da escola. Abel Hermant empenhou-se sobretudo no estudo dos ambientes cosmopolitas, destacando-se na sua obra vasta e variada, "Les transatlantiques", "La journéee breve", este último muito elogiado por Thibaudet. Abel Hermant também sofreu um processo-crime, sob a acusação de haver ofendido a honra do exército francês em "Le Chevalier Miserey", sendo no entanto absolvido.

A filmagem de um romance de Forester

O cineasta americano Raul Walsh acaba de terminar, na Côte d'Azur a filmagem dos exteriores de uma película tirada do romance de C. S. Forester: "Capitão Hornhlower", obra que tem sido muito apreciada pelo público, causando verdadeiro entusiasmo a Churchill. Forester é autor de vários romances, entre os quais alguns de aventuras marítimas já traduzidos para o francês.

Viajantes

De regresso de São Paulo, encontra-se nesta capital a escritora Lygia Fagundes Telles. A autora de "O Cacto Vermelho" está escrevendo um romance, ainda sem título.

Também já se encontra no Rio o deputado Godofredo Telles Junior, autor de "Tratado da Consequência".

Viajou para Belo Horizonte, onde passará alguns dias, o escritor Sábati Magaldi.

De regresso do Maranhão, por onde concorre a cadeira de deputado federal, já se acha entre nós o romancista Josué Montello, diretor da Biblioteca Nacional.

O sucesso de "Onda Selvagem"

"Onda Selvagem", romance de José Condé contemplado com o Prêmio Malheiro Dias, do Grande Concurso de Romances "O Cruzeiro", está alcançando significativo sucesso em nossos circulos literários. Publicado, inicialmente, em capítulos, pela revista "O Cruzeiro", aparece, agora, em elegante e bem cuidada edição, que está tendo a melhor acolhida por parte do público e da crítica literária do país.

AS TEORIAS D[illegible] BAUDELAIRE

O Belo como o fim exclu[illegible] Arte

REPRODUZIMOS aqui para os nosso leitores, o trecho mais expressivo do famoso estudo de Baudelaire sôbre "Mademoiselle de Nenquin", no qual o poeta das "Fleurs du Mal", que era também um grande espírito crítico, resume as bases da sua tão discutida teoria da arte pela arte.

Começa êle por considerar o livro de Gautier como um exemplo típico do amor exclusivo ao belo.

"As coisas que tenho a dizer sôbre êsse assunto — acentua Baudelaire — já eram muito conhecidas em outros tempos. Depois, foram obscurecidas e definitivamente esquecidas. Heresias estranhas insinuaram-se na crítica literária. Não sei que pesada nuvem vinda de Genebra ou de Boston ou do inferno interceptou os belos belos raios do sol da estética. A famosa doutrina da indissolubilidade do Belo, do Verdadeiro e do Bem é uma invenção da folosófice moderna (estranho contágio, que faz com que, ao se lhe definir a loucura, se escreva em jargão!). Os diferentes objetos da atividade espiritual reclamam faculdades que lhe são eternamente apropriadas; às vezes tal objeto não reclama senão uma, outras vezes, tôdas juntas, o que só acontece raramente e nunca numa dose ou margem iguais. Deve-se notar ainda que, quanto mais um objeto reclama fa-



Charle[illegible] [illegible]elaire

culdades, men[illegible] [illegible]bre e puro, mais complexo [illegible] contém de essência bastar[illegible] "Verdadeiro" serve de base [illegible] às ciências; invoca, sobretu[illegible] intelecto puro. A pureza do [illegible] aqui bem vinda, mas a [illegible] do estilo pode ser considerada [illegible] um elemento de luxo. O "[illegible] a base e o fim das ciênci[illegible]. O "Belo" é a única am[illegible] fim exclusivo do Gôsto. [illegible] Verdadeiro seja o objet[illegible] história para exprimir que [illegible] das qualida-

des necessárias à história concernem à musa. O romance é um dos gemeos complexos, em que uma parte maior ou menor pode ser dedicada ora à Verdade, ora ao Belo.

A parte do Belo em "Mademoiselle de Nenquin", é excessiva. O autor tinha o direito de fazer tal. O propósito dêsse romance não era pintar os costumes e muito menos as paixões de uma época, mas a paixão única de natureza tôda especial, universal e eterna, sob o impulso da qual o livro corre, por assim dizer, no mesmo leito que a Poesia, mas sem, todavia confundir-se absolutamente com ela, privado como se encontra do duplo elemento do ritmo e da rima.

Êsse objetivo, êsse propósito, essa ambição, era dar-nos, num estilo apropriado, não a fúria do amor, mas a beleza do amor, a beleza dos objetos dignos de amor, numa palavra e entusiasmo (bem diferente da paixão criada pela beleza. E' evidentemente, para um espírito não contagiado pelo erro em moda, um motivo enorme de espanto a confusão total dos gêneros e das faculdades. Como ofícios diferentes, reclamam instrumentos diferentes, os diferentes objetos da atividade espiritual exigem faculdades correspondentes".



Ilustração para o "Tales", de Ed[illegible] Allan Poe — ALFRED KUBIN

O livro de estréia de Saldanha Coelho

Encontra-se no prelo o volume de contos com que Saldanha Coelho, o dinâmico diretor de "Revista Branca", estreará em nossas letras. Nome já bastante conhecido nos círculos literários do país, mercê de sua numerosa colaboração esparsa em nossos melhores jornais e revistas, o aparecimento do primeiro livro do jovem ficcionista, cujo título será "Mural", é aguardado com geral interesse.

Sergio Milliet no Concurso de Contos "Tentativa"

O vitorioso jornal literário de Atibaia, "Tentativa", instituiu um concurso de contos que está obtendo a maior repercussão em todo o país, graças às suas condições deveras interessantes. O referido concurso deverá encerrar-se em dezembro dêste ano e será julgado por três críticos de nomeada. O primeiro nome já é conhecido. Trata-se de Sergio Milliet, que foi convidado a participar do julgamento e já aceitou o convite.

"Gota d'Água", de Seleneh de Medeiros

Poemas cheios de vida, sinceridade e expressiva beleza são êsses que compõem o volume "Gota d'Agua", da poetisa e declamadora Seleneh de Medeiros. Dominando com maestria o ritmo e a musicalidade, Seleneh oferece ao leitor um punhado de páginas das mais ricas de conteúdo emocional e dramático, que a inscrevem sem favor entre nossas boas liristas.

Novo romance de Rosário Fusco

Rosário Fusco, o conhecido romancista, crítico e teatrólogo patricio, vai, depois de prolongada ausência, reaparecer em nosso panorama literário, assinando novo romance: "Carta à Noiva".

O autor de o "Agressor" está redigindo presentemente, com geral agrado, o rodapé de critica da importante publicação de literatura e arte "Jornal de Letras".

Um centro de estudos em Sapucaia

Anexo ao Ginásio Sapucaiense, acaba de ser criada, em Sapucaia, a Universidade do Povo, centro de estudos que objetiva o aprimoramento cultural de nossa mocidade.

"Alimentação Humana e Realidade Brasileira"

O Serviço de Alimentação da Previdência Social acaba de editar interessante trabalho de autoria de A. da Silva Mello, intitulado "Alimentação Humana e Realidade Brasileira". O estudo em aprêço focaliza o problema da nutrição nas diversas classes sociais e os seus reflexos sôbre a vida humana.

O prestígio de um livro

"A Moreninha", o famoso romance de Joaquim Manuel de Macedo, continua a sua vitoriosa carreira editorial, como um dos livros de ficção brasileira preferidos pelo nosso grande público. Ainda agora, a "Melhoramentos" acaba de lançar nova edição, a segunda já naquela casa. São incontáveis as outras edições existentes.

Gerard de Nerval e o nosso público

Prossegue o êxito do lançamento de "As filhas do fogo", de Gerard de Nerval, lançado entre nós pela Editôra A Noite, em cuidadosa tradução do ensaista Willy Lewin.

Obra admirável, que testemunha em suas páginas o poder criador de uma das maiores expressões da literatura francêsa, "As filhas do fogo" distingue-se pelo seu simbolismo e pela sua alta sugestão poética.

Campos de Figueiredo e o Brasil

O grande poeta português Campos de Figueiredo, autor de "Imagem da Noite", o único livro de sonetos à feição inglêsa existente no idioma português, vive hoje os melhores momentos de sua glória. Em nossos livrarias, já apareceu uma edição feita especialmente para o Brasil de seu famoso "Imagem da Noite", do qual LETRAS E ARTES transcreveu vários dos admiráveis sonetos.

Agora, anuncia-se que foi lançada na França uma antologia de sua obra, subordinada ao título de "Poèsie". Paul Claudel apresentou-o ao público francês, com algumas palavras que traduzem o maior entusiasmo e admiração por esse poeta que é hoje, sem dúvida, uma das mais altas expressões da poesia em lingua portuguesa.

Um dicionário analógico

Merece especial menção o recente aparecimento do Dicionário Analógico da Língua Portuguesa, de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo (Cia. Editora Nacional), que representa um grande esforço no sentido de dotar o público brasileiro de uma obra completa no gênero. O referido Dicionário visa facilitar a tarefa dos que escrevem, sugerindo-lhes, de maneira prática, os termos de que necessitam a todo momento na elaboração de um trabalho intelectual, seja de que gênero fôr. E ao mesmo tempo exercita-lhes a inventiva e enriquece-lhes as associações de idéias, fornecendo-lhes sempre o termo justo e adequado.

"Cidade Enferma"



Deverá sair do prelo, proximamente, o novo livro do escritor Paulo Dantas, "Cidade Enfêrma". O novelista de "Aquelas muralhas cinzentas..." e "As águas não dormem" focaliza, nêsse romance, que constituirá sua estréia no gênero, a vida numa cidade de tuberculosos — Campos do Jordão.



Uma frase de Catulo

Falando com João Ribeiro um dia, depois de elogiar-se amplamente, Catulo Cearense começou, mas começou em tom muito convicto esta frase:

— Quando eu tiver uma estátua nesta cidade... (referia-se ao Rio)

João Ribeiro achou que já tinha ouvido bastante e, rodando sobre os calcanhares afastou-se silenciosamente. Catulo tinha passado a ser um caso de paranoia — observa Medeiros e Albuquerque, de quem reportamos este episódio. Que diriam ele e João Ribeiro se estivessem vivos, quando, em 1940, inaugurou-se a estátua de Catulo nos jardins do Monroe.

"O labirinto de espelhos"

O escritor Josué Montello, que tão grande sucesso alcançou com seu último romance, "A luz da estrela morta", tem no prelo outro volume de ficção. Trata-se do romance "O labirinto de espelhos", que deverá aparecer, em edição da Livraria José Olympio, nos primeiros meses do próximo ano.

Obras completas de Paulo Setubal

A Livraria Saraiva Editora, de São Paulo, está publicando as "Obras Completas de Paulo Setubal". Dando cumprimento a esse objetivo, acaba de editar "Os Irmão Leme", um dos bons romances do escritor bandeirante, "Ensaios históricos" e "O sonho das esmeraldas".

O salão e o botequim

Quando se propôs a candidatura de Emilio de Menezes à Academia Brasileira, levantou-se uma forte oposição às pretensões do poeta. Oliveira Lima foi um dos que mais se horrorizaram com a idéia de ter por consócio o poeta boêmio. Ferino mostrou-se Graça Aranha, observando:

"— No dia em que tivermos Emilio de Menezes aqui a Academia não será mais um salão e sim um botequim".

Correio de Paris

A felicidade de André Maurois

Numa entrevista radiofônica, em Paris, André Maurois declarou que sempre foi um homem feliz. E, entretanto, observou alguém que o escutava, possui ele numerosos amigos.

— Por que "entretanto"? — aparteou uma terceira pessoa.

— Porque André Maurois escreveu : "E' na desgraça que encontramos amigos; a felicidade põe duramente a prova as nossas amizades". Frase inteiramente contrária à de Wilde: "Simpatizamo-nos com a felicidade dos nossos amigos; nunca com a sua desgraça".

Duas espécies de escritores

O centenário do escritor Robert de Bonnières fez com que se lembrasse, há pouco, na França, a observação de Anatole France a esse autor, que nunca logrou grande êxito:

— O que o impedirá de vencer é que você é um bom escritor "mau". Se fosse um mau escritor "bom" poderia pretender tudo neste país.

Escritores e parteiras

Um extravagante decreto na legislação francesa, equipara, para certos efeitos legais os escritores às parteiras. Pierre Descaves protestou contra isso, ao assumir a presidência da "Societé des Gens de Lettres", dizendo:

— Só aceitaremos essa equiparação no dia em que os escritores receberem uma bonificação do governo por cada livro recém-nascido.

Jean-Aubry e as traduções

Passou quase despercebido, há alguns meses, na França, o falecimento de Jean-Aubry, escritor que se tornou conhecido, sobretudo, por haver divulgado Joseph Conrad em excelentes traduções francesas. Era notavel sua honestidade nessa dificil e ingrata tarefa de traduzir. Achando que os tradutores não podem transpôr de uma língua para outra ao pé da letra, jamais admitiria licenças ou liberades com o original dizendo: o tradutor pode, em certos casos, ser um intérprete, mas nunca ser um exegeta.

Uma aposta ganha

O romancista americano Henri Miller, cujos livros têm feito tanto escândalo em Paris, chegando a ser apreendidos pela polícia, não gosta de receber jornalista e a um deles, na França, que insistiu muito, respondeu: "Venha, mas cada um dos meus minutos perdidos, custa-me duzentos e cinquenta dólares". O reporter chegou e depositou na mesa de trabalho do romancista cinco bilhetes de cem dólares. "Que é isso?" — perguntou Miller. "— Dois minutos do seu tempo; apostei três mil dólares, como o senhor me recebia. Ainda saio ganhando dois mil e quinhentos dólares...

SETE DIAS DE FOLCLORE NOS PAMPAS

Exatamente na data em que a palavra "folclore" completou 104 anos de idade, iniciou-se em Porto Alegre a III Semana Nacional de Folclore — O símbolo do jaboti define o espírito dos estudiosos das artes populares — Renato Almeida conta a história de um congresso que reviveu uma bela imagem do Brasil — Investigações, pesquisas e ainda por cima um festival — Poesia e ciência unidas no chão da capital gaúcha.

Reportagem de CRISTIANO SOARES

NO dia 22 de agôsto de 1846, o etnólogo inglês William John Thomas, numa carta escrita sob o pseudônimo de Ambroise Morton ao "The Atheneum", de Londres, propôs que passasse a ter o nome de "folk-lore" o conjunto de atividades populares. Desde então, essa palavra começou a correr mundo, a ingressar na estrutura léxica de inúmeros países.

Passou-se mais de um século. Hoje, o folclore é como uma grande bandeira. E precisamente cento e quatro anos depois, na cidade de Pôrto Alegre, recentemente transtornada pelo abalo de dois dramáticos desastres aéreos, começa a chegar gente de fora, falando em folclore e em arte popular, e o romancista Érico Veríssimo é convidado para pronunciar um discurso.

Ia haver, precisamente no dia 22 de agôsto, data do aniversário da palavra "folclore", o início da Terceira Semana Nacional de Folclore. Muita gente, que passa a vida inteira estudando modinhas que os cegos cantam nas feiras e promovendo estudos de literatura popular, acorreu à capital dos pampas. A poetisa Cecília Meireles largou por alguns dias as suas rimas ricas e suas caprichosas alterações e desceu no aeroporto de Gravataí para dedicar a sua melhor paixão ao aludido congresso. Durante uma semana, a palavra "folclore" atraiu a atenção do povo da cidade. O que aconteceu de 22 a 28 de agôsto merece ser contado. Foi a isto que se propôs o autor desta reportagem. Como não compareceu ao congresso, deliberou ouvir o depoimento de um dos participantes da Semana, tendo escolhido o escritor Renato Almeida, secretário-geral da Seção de Folclore do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, órgão filiado a UNESCO.

O nosso entrevistado contou a história dessa semana porto-alegrense, de modo que a presente reportagem constitui, sob todos os aspectos, uma crônica fiel dos acontecimentos, realizada de um modo que visa fixar, nos seus mais vivos pormenores, a atividade de algumas dezenas de pessoas que, provenientes do Rio, de S. Paulo, de Minas, dos vários cantos do Brasil, passaram sete dias discutindo assuntos folclóricos, examinando a produção anônima do nosso povo, suas canções e adivinhas.

O RESUMO DE SETE DIAS

Sintetizando as diretrizes da reunião, disse o sr. Renato Almeida:

— A III Semana Nacional de Folclore deve ser vista sob um tríplice aspecto: pelos trabalhos realizados, pela repercussão que teve, e pelo interêsse que despertou. Não foi apenas uma festa encantadora, foi uma reunião de estudo, em que problemas folclóricos de um lado e, do outro, a organização de nossos trabalhos, foram encarados devidamente e apresentadas diversas sugestões. Desde logo, chamo a atenção para o relêvo que nela foram dados aos trabalhos de pesquisa de campo, à necessidade da organização de centros para êsse fim, sobretudo em meios estudantis, a constituição de equipes e a importação de material para o registro. O meu ilustre colega, prof. Rossini Tavares Lima, Secretário-Geral da Comissão Paulista de Folclore, apresentou uma brilhante comunicação, mostrando a urgência de serem incentivadas as pesquisas de campo, e ilustrando sua afirmativa com numerosas realizações feitas em S. Paulo, sôbre os Caiapós, dança de procedência ameríndia, as embaixadas das Congadas, o Cururu, o Batuque e os Romances, cujas expressões atuais retificam muitos conceitos até agora estabelecidos e continuadamente repetidos. Nesse sentido, a Semana fêz uma recomendação a tôdas as Comissões estaduais e espero que nosso apêlo não se perca em vão.

Ficou assim bem claro o desejo de trabalhar em comum, evitando o nosso exagerado personalismo, num setor de estudo em que só podem vingar as atividades em conjunto, como acontece em todos os ramos de ciência social. Necessitamos mais do que nunca de uma solidariedade perfeita, em que cada qual traga sua contribuição sem desprezar a do vizinho, porque as achegas são tôdas úteis, mesmo para dissipar êrros e equívocos. Bem sabemos como isso é difícil no Brasil, como repugna ao nosso temperamento dominar o excessivo individualismo, conseqüência aliás de sermos auto-didatas. Temos a tendência de considerar sempre com um grande otimismo o que fizemos e menosprezar o alheio. E' um mal que os folcloristas vencem galhardamente e começamos a verificar que começam a trabalhar coletivamente com o melhor êxito. O exemplo da Semana Folclórica de Pôrto Alegre é sugestivo, tanto que lá se recomendou à Diretoria do Ibecc uma providência, já aceitada pela mesma, de organizar, no Secretariado da Comissão Nacional de Folclore, um serviço para a permuta de informações e dados para os trabalhos em conjunto. Assim, saberemos quem estuda e se especializa em canções infantis, quem está pesquisando danças dramáticas e assim por diante e os companheiros que dispuserem de documentos e informações sôbre tais assuntos fornecerão êsses elementos aos colegas que dêles necessitem. Se conseguirmos levar a termo feliz essa iniciativa, muito lucrarão os estudos de nosso folclore.

Dos trabalhos apresentados, várias sugestões foram feitas e cito, como exemplo, a de pedir aos folcloristas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, que verifiquem os lugares onde ainda persistem as Cavalhadas dramáticas, representando a luta de mouros e cristãos, a ver se se confirma a hipótese de que seguem o caminho dos nossos tropeiros, como, no Paraná, observou o prof. Loureiro Fernandes, em brilhante comunicação que nos apresentou.



Diante das esculturas sôbre tipos e cenas popula res gaúchas, do sr. Wilbur Olmedo, vemos o sr. Renato Almeida conversando com Dante de Layt ano e Darcy Azambuja, encontrando-se logo atrás os srs. Manoelito Ornelas e Elpidio Pais. De fren te, à esquerda, o autor dos trabalhos expostos e, à direita, Cecília Meireles conversando com o D elegado de Santa Catarina, sr. Walter Piazza.

A REPERCUSSÃO DA SEMANA

— Foi extraordinária a repercussão que teve o certame de Pôrto Alegre em tôda a imprensa brasileira. Desde logo quero assinalar que o Dia do Folclore foi comemorado nos diversos Estados. Em São Paulo, o Centro de Pesquisas Folclóricas Mário de Andrade realizou um festival de danças paulistas, no Conservatório Dramático e Musical; na Bahia, a Comissão promoveu uma reunião de Estudos; no Espírito Santo, Ceará, Alagoas, Paraná e Goiás as comissões locais celebram o Dia. No Estado do Rio, não só a Comissão Fluminense promoveu uma conferência e exibição de filmes, como ainda conseguiu que, nas escolas, os professores fizessem preleções relativas ao folclore e, por fim, aqui no Rio, o novo Centro de Estudos Folclóricos, da Associação Cristã Feminina, promoveu uma Semana de Folclore, que foi uma estréia auspiciosa e brilhante. E não falo nos artigos, irradiações, palestras e conferências sôbre folclore que se reproduziram em todo o Brasil, demonstrando o amor que se começa a consagrar à cultura popular.

Em Pôrto Alegre, representaram-se as comissões dos Estados do Sul: S. Paulo, Paraná e Santa Catarina, com brilhantes delegações. Verifica-se assim que o movimento iniciado pelo IBECC, através da sua Comissão de Folclore, tem tomado um grande incremento e chegado a vários setores das nossas atividades culturais. Basta lembrar que as Universidades do Brasil e da Bahia já estabeleceram cursos de extensão universitária, para o Folclore, e em breve deverá fazê-lo a do Rio Grande do Sul. E, no nosso Instituto de Educação, o folclore e a literatura infantil são estudados na cadeira de Linguagem, no último ano do Curso de Professoras.

O INTERÊSSE PELO FOLCLORE

— Vai crescendo em todo o Brasil, a olhos vistos, o interêsse pelo Folclore e quem ler os Boletins Bibliográficos da Comissão Nacional ficará surprêso com a soma considerável de artigos publicados em tdo o país, sem falar daqueles que não chegam ao nosso conrecimento. Além disso, o número de pessoas a quem os estudos de folclore não interessavam e hoje a êles se estão consagrando é enorme e pela relação dos membros de nossas Comissões estaduais se verificará fàcilmente como se alarga, sobretudo entre os historiadores, o interêsse folclórico. Estamos abrindo alguns caminhos e as pesquisas que se fazem, no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Espírito Santo, por exemplo, são reveladoras das enormes possibilidades de estudo nesses Estados e nos têm dado resultados surpreendentes. Creio, que um dos aspectos mais notáveis da atividade da Comissão Nacional de Folclore está em despertar êsse interêsse por tôda parte.

O FESTIVAL FOLCLÓRICO

Declarou ainda ao repórter o autor de "História da Música Brasileira":

— O Festival Folclórico gaúcho foi extremamente sugestivo. Podemos dividi-lo em duas partes: a apresentação da música folclórica e popular do Rio Grande do Sul, nos concertos de Banda e gaita e de canto orfeônico; e nos festivais do Centro de Tradições Gaúchas "35", que nos deu um baile de galpão, com gaiteiros em desafio, cantos e danças, absolutamente de primeira ordem, na festa campestre do Clube dos Farrapos, onde assistimos a práticas e diversões da vida campensina e, por fim, no churrasco do Clube Gaúcho, quando aplaudimos uma admirável porfia de gaiteiros improvisando décimas e vimos dançar uma tradicional dradrilha rural. Quero ainda referir uma dramatização, em teatro de marionetes, do Negrinho do Pastoreio, na qual pude verificar o interêsse das crianças pela velha lenda e confirmar minhas convicções relativas ao aproveitamento do folclore na educação, e um espetáculo de bailados, em que um dêles era referente à Procissão de N. S. dos Navegantes em Pôrto Alegre, com a festa popular do adro da Igreja.

De tudo isso, merece particular referência o trabalho que realizam o Orfeon das Professoras Primárias do Rio Grande do Sul, dirigido pela minha colega Yvone von der Perren, com o maior brilho, incluindo no seu programa, numerosas cantigas regionais, arranjadas para vozes, de sorte a não lhes prejudicar a pureza originária; e o do Grêmio "35", constituído por um grupo de jovens interessados em conhecer a tradição popular do Estado, para o que realizam constantes pesquisas e começam a fazer estudos apreciáveis, um dos quais, de Luis Carlos Lessa, sôbre o Chimarrão, mereceu Menção Honrosa, no último concurso de monografias do Departamento de Cultura de São Paulo. São dois organismos que estão trabalhando com muito desvêlo pelo nosso folclore e merecem nosso sincero aplauso.

A EXPOSIÇÃO DE ARTE POPULAR

— No auditório do "Correio do Povo" foi organizada uma Exposição de Arte Popular, que devemos ao devotamento de Francisco Corona e de Walter Spalding. A êste aliás, muito cabe no triunfo da Semana, pois, durante a ausência de Dante de Laytano, na Europa, exerceu as funções de Secretário-Geral da Comissão, trabalhando com afinco e inexcedível dedicação para o certame próximo.

Na Exposiço, se muita coisa não era popular, representava aspectos característicos da cultura do povo gaúcho, da sua vida, práticas e técnicas. Nela se encontravam tipos populares, em cerâmica do artista Vilbur Soares Olmedo; fotos de costumes e cenas riograndeses do Museu do "35", desenhos de motivos folclóricos de Nelson Boeira Fredrich, ilustrações de lendas gaúchas do prof. José Lutzemberger, desenhos infantis de motivos folclóricos feitos pelas crianças dos Grupos Escolares, material folclórico de coleções particulares.

Como bem disse Aldo Obino, que em formosa alocução abriu a Exposição, encontram-se na mesma não trabalhos de folclore direto e sim do reflexo, isto é, transposto para o plano da arte mais apurada, ou projetado nas formas escolares, ou plasmado na cerâmica.

A CULINÁRIA GAÚCHA

— Uma outra exposição muito interessante foi feita na Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles, relativa à culinária gaúcha. Foi uma feliz inspiração de D. Isolda Paes essa de nos mostrar os diversos pratos usuais nas diferentes zonas de colonização do Estado, além da comida diária do gaúcho na campanha, dos peões e carreteiros. Também foram expostos exemplares da saborosa doçaria do Rio Grande do Sul. E as alunas, que tinham sido às gentis cozinheiras e doceiras, ofereciam as senhoras as preciosas receitas. A

(Conclui na 10.ª página).

O FILHO DE PATMORE

ATTÍLIO MILANO

MEU FILHO, RALHEI CONTIGO,
EU QUE SOU TÃO TEU AMIGO!
MAS, SE SOU TÃO TEU AMIGO,
POR QUE E' QUE RALHO CONTIGO?

QUANDO ME DESOBEDECES
JA' COM O HOMEM TE PARECES...
VAIS SER O HOMEM QUE PARECES;
VEJO QUE NÃO OBEDECES!

FOSTE CHORAR PARA A CAMA,
OFENDIDO COM QUEM TE AMA!
E TEU PAI, QUE TANTO TE AMA,
SALTA, TÃO TRISTE, DA CAMA

E VAI DAR-TE A SUA BÊNÇÃO.
AH, VOCÊS FILHOS NÃO PENSAM,

AH, VOCÊS FILHOS NEM PENSAM
QUE UM PAI É UM DEUS, DANDO A BENÇÃO!

SE TUA MÃE — POBRE MORTA! —
SURGISSE NAQUELA PORTA...
NISTO: É ELA! PAROU NA PORTA.
(UMA MÃE NUNCA ESTÁ MORTA.)

"NÃO ZANGUES COM NOSSO FILHO!"
DISSE ZANGADA, COM UM BRILHO
NO OLHAR, COM ÊSSE MESMO BILHO
QUE HA' NOS TEUS OLHOS, MEU FILHO!

DEITO-ME HUMILDE, REZANDO:
MEU DEUS! PERDOA-ME QUANDO
EU FÔR IMPACIENTE, QUANDO...

E O PAI, CRIANÇA COMO O FILHO,
PEGOU NO SONO, CHORANDO.

ALDOUS HUXLEY FALA A "LETRAS E ARTES"

A segunda fase da vida do autor de "Contraponto" — Sua posição em face do mundo atual

LOUIS WIZNITZER

Paris — Setembro — Via "Air France" — Aldous Huxley esteve em Paris alguns dias, de regresso de Bergerac, onde visitou a casa de Maine de Biran, ao qual acaba êle de consagrar um livre importante. E' um homem alto, magro, ascético; sofre de uma doença de olhos, mas adquiriu uma arte de vêr, cujo segredo já era conhecido pelos indús. Sabe-se que há uns dez anos o pensamento de Huxley mudou completamente, abandonando o escritor o ceticismo e o esteticismo post-wildien que lhe caracteriza os grandes romances, como "Contraponto", para recolher-se numa aldeia dos Estados Unidos e alí entregarse ao estudo dos Upanishades e iniciar-se no pensamento sino-hindú. Seus novos livros já refletem essa nova orientação.

Não tive tempo para entreter-me longamente com o romancista, nem de dirigir-lhe as perguntas que eu gostaria de fazer-lhe. Devia êle partir muito breve e a entrevista já me fôra concedida a título de exceção. Guardei, entretanto, dêsse encontro com Huxley uma impressão inesquecível. E' um homem da mais elevada estirpe espiritual, de uma absoluta independência e que teve, aos quarenta anos, a coragem de negar tôdas as suas convicções passadas, admitir os próprios erros e empenhar-se por completo, tanto física como moralmente, num caminho novo. Pratica êle todos os dias os exercícios do ioga, como Daumal, Luc Dietrich e Lanza del Vasto, como o seu mestre, cujo nome se recusa a revelar-nos.

Numa revista soviética apareceu ùltimamente, uma caricatura na qual seis personagens horrorosas desfilam diante de um guiché em Wall Street: Upton Sinclair, André Gide, Sartre, Malraux, Pijade e Huxley, sendo o último representado com uma pequena cabeça de débil mental, um chapéu de gangster, esperando sua vez com um saco de dólares sôbre o ventre. Tais caricaturas não sujam senão os próprios autores.

A concentração do poder

Qual a sua posição em face do comunismo? — pergunte a Huxley.

Essa questão, para mim, resume-se, sobretudo, no conflito entre o poder e a potência. Tôda concentração da potência em mãos levianas leva fatalmente a um exercício arbitrário do poder. Não faço aqui diferença entre o comunismo e qualquer outra forma de ditadura. Todo o problema, a meu vêr, consiste em evitar que o poder seja concentrado. Creio que as soluções, como a de Deubreuil, de um federalismo mundial, são as únicas aceitáveis.

Atitude estóica e atitude cristã

— Não acha que caminhamos, irrevogavelmente, para uma civilização de massas e para regimes que supõem uma potência concentrada?

— A ciência marxista procurou demonstrar que o mundo ia para o socialismo. E, entretanto, o mundo não vai. Depois, querem diser que a história demonstra a marcha da humanidadde no sentido dos govêrnos totalitários. Isso equivaleria a forçar-nos a permanecer de braços cruzados e nos deixarmos levar pela corrente.

— Que resistência poderemos opôr ao curso da história?

— Há duas possibilidades: a atitude estóica e a atitude cristã, quero dizer, a que supõe a crença na graça, numa salvação eterna, apesar de tudo.

Não devemos falar em guerra

— E se desencadear a guerra?

— Não será ela atômica, pois nesse caso não haveria vencidos nem vencedores. Acho que falando da maneira por que falamos da guerra acabamos por fazer com que ela venha. Devemos voltar nossa atenção para outras coisas sem ser a guerra. Há problemas concretos, imediatos, a exigirem-nos a atenção. Este, por exemplo: a população do globo cresce de maneira considerável, 25 milhões por ano; o interessante não é destruir, mas dar um jeito de acomodar, de garantir a subsistência para tôdas essas criaturas humanas que têm o direito de viver. Trata-se de abandonar as ideologias messianicas: as grandes abstrações para nos consagrarmos aos problemas concretos.

— E que nos impede disso?

— Os homens acham mais nobre o plano ideológico; são idolatras. E o paradoxo do comunismo é apresentar-se êle como uma doutrina científica, escapando inteiramente ao concreto. O problema da contradição entre o desenvolvimento da humanidade e a diminuição das fontes de vida supõe soluções de ordem puramente técnica. E isso não apaixonaria os espíritos; queremos o mito, as sombras, as idéias; os homens, infelizmente, não se excitam senão quando um compromisso religioso e passional lhes preside a atividade.

Uma civilização desequilibrada

— De uma maneira precisa; o que pensa dos filósofos e das ideologias modernas?

— São tôdas ersatzs (substitutivos) da filosofia da transcendência. Através delas, os homens procuram o sagrado, onde êste não existe. No exterior dêles mesmos, em seus empreendimentos coletivos, nas interpretações ideológicas da história. E' nisso que se resume, em verdade, o problema. A noção do sagrado perde-se cada vez mais, sendo a qualidade substituida pela quantidade, o homem interior pelo homem coletivo.

— Nossa cultura ocidental terá possibilidade de sobreviver em caso de uma guerra mundial?

—Teremos aí, talvez, uma nova idade média, mas ao contrário: uma idade média materialista, como a outra foi espiritualista, com um fanatismo semelhante. A resistência, a tradição espiritual, poderão então sobreviver secretamente, de maneira esotérica, em alguns santuários de estudo e reflexão, isolados uns dos outros. Não podemos predizer o futuro; mas, de nenhuma maneira o materialismo chegará, verdadeiramente, a destruir o espírito. Comprimindo-o cada vez mais acabará, ao contrário, por dar-lhe fôrças novas. O homem não pode, durante muito tempo, ignorar nem o seu corpo, nem a sua alma. Caminhamos para uma civilização desequilibrada, mas tenho confiança de que o equilíbrio será restabelecido.

A atividade interior

—Quais seus autores preferidos na moderna literatura inglêsa?

— Grahan Greene, Charles Morgan.

— Pretende ir instalar-se na India, na própria fonte do pensamento védico?

— Não. Creio que o trabalho interior é independente das posições geográficas e pode-se fracassar ou obter êxito, tanto na California como nas alturas do Himalaia. E' uma questão de disciplina.

— Renega o senhor tôda sua obra anterior?

— Não posso responder essa pergunta. O senhor compreende trata-se de uma questão muito viva para mim, comportando uma complexidade que não me permite resumir a resposta em quatro palavras.

— Certamente. Grande número de jovens corresponde-se comigo e procuro indicar-lhes o caminho a seguir, auxiliá-los a auxiliarem êles a si mesmos. Devo indicar-lhes a rota, sem no entanto, me colo-

(Conclui na 10.ª página)

FLÓRA

LUCIO CARDOSO

FOI assim que Basilio da Luz entrou na minha vida. Parada diante daquela casa estranha, que eu mentira ser onde morava, a fim de fugir à insistência daquele homem, estava bem longe de imaginar a importância que êle iria adquirir dentro em pouco. Mas naquele momento, posso afirmar que dêle me esqueci completamente, assim que o táxi desapareceu no fim da rua. Uma única idéia me preocupava: durante o tempo que passara em tratamento no hospital, ainda conseguira fugir um pouco à realidade. Violentamente desligada de tudo o que compunha minha vida, ainda não havia sentido se restabelecerem no meu ser os liames daquele compromisso que considerava extinto — e nem o hábito, sorrateiro, insinuante e fácil, voltara a erigir sua tirania através dos meus gestos e dos meus pensamentos.

No entanto, alí estava de novo a rua. A verdade já se aproximava. Recomecei a andar, compreendendo que de novo era necessário procurar um meio de subsistência, ou melhor do que isto, uma razão para existir. Há muito tempo que já me considerava perdida, uma existência arruinada, e os meus dias eram apenas dias que se arrastavam como águas que lentas se encaminham a um ponto final. E êste ponto, quisesse ou não, era o suicidio. Agora sabia que havia fracassado, e isto me dava certa tranquilidade. Mas era preciso recomeçar tudo, arquivar êsse sentimento de desgraça irremediavel, tentar um meio de subsistir para o futuro, pois o suicidio não contava mais para mim, pelo menos momentaneamente. Não, aquela não era ainda a solução desejada. Enquanto novamente caminhava a esmo pelas ruas do Rio de Janeiro, meu pensamento trabalhava sem descanso, procurando, revivendo, estabelecendo contatos perdidos, esperanças mortas, idéias e sonhos abandonados. Detinha-me diante de uma ou outra vitrine, examinando os objetos, quase sem vê-los, o coração pesado de um sentimento amargo e envenenado, olhos embaciados por lágrimas que, eu tinha certeza, não cairiam nunca. Lembra-me bem, era uma manhã de sol, dessas em que as árvores parecem mais verdes e as pessoas mais apressadas nas ruas. Eu caminhava devagar, experimentando a emoção de me sentir livre pela primeira vez, inteiramente livre, sem nenhum destino traçado. E apesar de tudo, quando no dia anterior, sob a chuva miuda, rumara para a estação das barcas, tinha a morte bem próxima e acreditava que jamais voltaria a ter sentimentos como aquele, a experimentar sensações tão novas e agradáveis, eu, que já me considerava mais ou menos afastada deste mundo. A redescoberta daquelas possibilidades, como que acentuava o gôsto acre e fremente da minha volta. Mas o sol já ia alto, eu estava cansada de vaguear, os edificios já me pareciam enormes, ameaçadores. Deveria escolher um rumo definitivo. Assim, vagarosamente e sem pensar muito no que fazia, rumei para a pensão onde morava, perto dos Arcos.

Só aí, só diante desse cenário onde eu já tinha sofrido tanto, a consciência voltou a mim, integralmente. Senti que tudo girava, apoiei-me à parede, fechando os olhos um minuto, a fim de conter minha emoção e calar as furiosas batidas daquele coração rebelado. Oh, essas fachadas escuras e mortas, com êsses gradis empoeirados, essas longas escadas conduzindo aos quartos superiores, essas janelas estreitas e que mal deixavam passar a luz, como eu as detestava, com seu odor de môfo e de comida, com seu intraduzivel aspecto de celas vazias e decepções acumuladas! E eu, que me tinha julgado livre para sempre dessa paisagem odiosa, desses gritos de vendedores ambulantes, desses bondes apinhados e dessa gente anônima e sem alma que durante o dia inteiro se acotovelava ao longo dos quarteirões! Estaria então condenada a viver alí para o resto da minha existência, não haveria nenhuma possibilidade de fuga, nada? Tonta, caminhei mais alguns passos, abri a porta. No alto, por cima dos Arcos que conduziam à Santa Teresa, um bonde resvalou, demorado e plangente. Voltei-me, e o bafo detestável da casa me ganhou inteira, trazendo a memória de dias esquecidos há muito, cenas vividas alí, desesperos meus, cuja sombra ainda parecia se concentrar contra os vãos escuros. As lágrimas que pensei jamais chorar, saltaram em borbotão dos meus olhos — e um instante, apoiada ao oscilante corrimão, chorei, larga, desamparadamente, sem nenhuma coragem para galpar os degraus sujos e carcomidos. Deus meu, jamais existiu pessoa mais infeliz e mais abandonada. E depois de ter soluçado à minha vontade, revoltei-me, sacudi a madeira inerte, injuriando-a com todos os nomes que sabia. E não em voz baixa, que o meu desespero já não o continha, mas como se estivesse lutando com alguém, batendo com a cabeça contra a parede, esmurrando-a, num desatino que já atraia a atenção de alguns transeuntes, parados à porta, espiando-se com justo espanto.

— Não me aborreçam — gritei, batendo a porta.

E do outro lado, na rua, ouvi risadas e assovios. Eu devia estar louca: de novo, aos gritos, frenética, subi a escada correndo, num esfôrço que me levava as últimas forças, chorando e gemendo, chamando a atenção das outras mulheres, também hóspedes, que chegavam à porta, estremunhadas.

— Que é Flora, que tem você?

E eu, na minha fúria, o rosto molhado de lágrimas:

— Não me chame de Flora, detesto êsse nome, não quero mais viver aqui!

Certamente elas nada compreendiam, tão habituadas estavam em me chamar de Flora. E mais de uma, tenho certeza, devia ter imaginado consigo mesma que eu andara me excedendo no álcool aquela manhã. Não expliquei coisa alguma e bati a porta do meu quarto, deixando para trás um borborinho de risadas e cochichos. Na penumbra, encaminhei-me para a cama desfeita e continuei a chorar, de bruços, sem que nada, pensamento ou lembrança, pudesse me consolar naquele insondável desespero. Tôdas as veses que tentava levantar a cabeça e distinguía a forma de um objeto conhecido através das minhas lágrimas, a dor aumentava. Era uma coisa animal, primitiva. Voltava então a afundar a cabeça no travesseiro, mordendo-o, sufocando-o naquela mágoa, naquela cólera, naquele espanto de permanecer inabalàvelmente aprisionada a um destino que abominava.

Não sei quanto tempo permaneci assim, insensível a tudo, desatinada. Sei apenas que em certo momento senti-me cansada. Em tôrno de mim reinava um silêncio absoluto, dir-se-ia que eu estava numa casa deserta. Pouco a pouco ganhou-me um desses sonos pesados e reparadores, que costumam sobrevir a crises como a que eu acabara de atravessar. Dormi, dormi não sei quantas horas. Quando acordei, percebi que o quarto estava mais escuro, que o tempo devia ter avançado muito. Escutei um minuto e ouvi próximo a mim, o som de um pigarro. Inicialmente julguei ter-me enganado, era um som tímido, como se viesse do lado de fora. Mas como continuasse prestando atenção, tornei a ouví-lo, como se a pessoa presente quisesse atrair-me. Devagar, sem nenhum susto, levantei a cabeça e olhei quem se achava ao meu lado. Não me foi difícil, apesar do escuro, perceber o vulto de minha mãe. Estava sentada num tamborete baixo e vestia-se como sempre, isto é, de um modo ridículo e exagerado. Não dizia nada, sem dúvida por temor e, confesso que durante algum tempo ainda, hesitei se devia dirigir-lhe a palavra ou não. Pois tudo o que vinha dela, só me causava desprezo ou revolta.

ARTES PLASTICAS

J. CARLOS

SANTA ROSA

AINDA JOVEM a Republica, via sair como comentaristas de suas lutas, de suas glorias, de suas figuras, um grupo de caricaturistas, também jovem, brilhante e cheio de "humor", continuando a vigorosa tradição de seu maior — Angelo Agostini.

Entre êles — Raul Pederneiras, Max Yantok, Calixto Cordeiro — estava J. Carlos. São êsses os criadores da caricatura no Brasil, aqueles que mantiveram viva a flama do sarcasmo popular, contra os arrogantes do poder, os debeis, os ridiculos ou simplesmente, os áulicos, resumo da ignominia humana.

Já em 1902, J. Carlos apareceria na imprensa, estreante ainda. Depois, numa longa carreira de 48 anos, viu-se o artista evoluir, com o seu traço e a sua malicia incomparaveis, arrolando com o poder de sua fina percepção e de sua inteligencia, tôda uma era, com os seus tiques, a sua graça, os seus homens e mulheres, rica fauna que soube tão essencialmente compreender, mais ainda, a sua linguagem, a sua giria, os seus grandes acontecimentos.

Em sua obra, teve a mulher um lugar previlegiado. Malogrado a sua ironia, Ela foi inscrita em sua arte, com toda graça e finura. A sua criação da "Melindrosa" e de suas semelhantes no decorrer do tempo, oferecem um precioso documento de costumes, com todos os atributos da Moda, e das maneiras.

E é na politica, pasto vitaminoso do caricaturista, que J. Carlos se fartou regiamente, comentando com uma inteligência e um espirito não igualados nessa arte tão dificil. os fatos do mundo, e, especialmente, deste nosso mundo brasileiro, tão pervertido, desmantelado pelas administrações catastróficas, no qual, apesar do rigor de sua critica, J. Carlos pôs tanta esperança.

Guerras e cênas domésticas, crises politicas e piadas de rua, foram vividas por esse raro espirito e transpostas pela agudeza de seu traço em desenhos cuja qualidade artistica, podemos hoje juntar aos grandes desenhistas do mundo.

Essa obra elegante, realizada com um traço simples, como o seu autor, como êle, também, se impõe pela verdade e pureza, dentro das quais sempre viveu.

Em toda obra de J. Carlos transparece nitido o critério ético de seu espirito: modesto, sem vibrações exibicionistas, simples e direto, intransigente na luta aos poderosos.

E o que mais avulta em todo o seu requinte de sensibilidade, em toda a melodia de sua linha, é o caráter poetico, que se desprende de sua visão das coisas. Há nas suas composições, além de sua imensa sabedoria profissional, uma sabedoria de homem experimentado no atrito quotidiano, mas cuja complacencia para com o "catch" humano é tão grande, que tudo transcende em poesia, num desejo de harmonia geral permanente.

E' esse homem privilegiado, esse homem probo e imenso em sua arte, que acabamos de perder. As lamentações serão sempre precárias diante do valor insubstituivel de J. Carlos.

A sua personalidade tão completa, como artista e como individuo deve marcar para a nova geração um marco ideal que a oriente, nesse mar de duvidas de improbidade profissional de negação , do qual êle foi o grande exemplo do contrário.

CAIXINHA DE MUSICA

Conto de BELISLA MONIZ

— VEJA, doutor, êle está sorrindo.

— Infelizmente não é possível fazer mais nada.

— Quem sabe?

A enfermeira curvou-se sôbre o leito e de mansinho, como se os dedos fossem um prolongamento do coração, acariciou aquela cabecita de cabelo retorcido. Se pudesse transmitir-lhe um pouco da sua própria vida! A impotência diante da morte punha-lhe nos olhos laivos de desespêro, mas não conseguia desencorajá-la.

— Pobrezinho, parece sonhar

— Está inconsciente. E a família, ainda não apareceu?

— Ainda ninguém o procurou, nem foi identificado.

— Deve ter uns dez anos... E' difícil calcular a idade dessas crianças... Sempre os mesmos olhos grandes e tristes, o mesmo rosto chupado. Tenho tanta pena...

O médico aproximou-se da enfermeira e pousou-lhe a mão no ombro num gesto de solidariedade.

— Se precisar, estarei na enfermaria.

Ela permaneceu calada, quieta, sem querer admitir a inutilidade de sua presença.

"Por que está sorrindo? Parecia tão aflito e assustado quando a ambulância o trouxe. Não disse uma só palavra, nem um ai. Terá família?"

Apagados aqueles dois carvões que o mêdo acendera e agrandara, o moleque continuava sorrindo, numa imobilidade de estampa. Na inconsciência que à beira da morte o fazia sonhar e sorrir, estava deslumbrado. Não compreendia como os anjos haviam descoberto o segrêdo, que até do Tião escondera. Eram muitos. Vinham carregando uma grande caixa de música. Tlim, tlim; tlim, tlim. Nem precisava dar corda... A música parecia a mesma que imaginara ouvir quando atravessou a rua correndo, inopinadamente, sem reparar sequer nos automóveis. Depois aquêle chiado enorme, esquisito, um grito de mulher e uma confusão de vozes. As coisas multiplicaram-se, foram-se distanciando. Julgou-se suspenso no ar como um balão. Uma campaínha tilintou muito longe. Êle começou caindo, caindo sem poder gritar nem agarrar-se. Ninguém à sua volta, sozinho no ar, caindo sempre. Repentinamente ficou tudo escuro. Não sentiu mais nada.

Agora, ao abrir os olhos, tinha ao alcance das mãos uma caixinha de música. Linda, cheia de desenhos, muito maior que a da loja elegante. Não precisaria mais passar horas olhando a vitrina, com o coração apertadinho, de mêdo que alguém a comprasse.

Quantas vêzes teve vontade de entrar e pedir para ouvir a caixinha um minuto, um tiquinho só. Mas assim descalço e sujo, quem lhe daria atenção?

Um dia o homem gordo veio à porta. "Que é que você tanto olha a vitrina? Vá trabalhar, seu moleque". Se os olhos fôssem pedras teriam acertado na cara do homem, tal a raiva.

Desde então ficava de longe, atento, chegava a pedir a Deus que fizesse a caixinha tocar outra vez. Que gente! Parecia nem gostar de música! Se a caixinha fôsse dêle... havia de fazê-la funcionar o dia inteirinho. Era só dar corda como ao relógio. Êle viu quando o homem gordo a retirou da vitrina e rodou uma chave que tinha por baixo. Olhou por olhar, não sabia que tocava música. O freguês pegou-a, examinou. E êle fôra torcendo para que a não comprasse. O freguês saiu e a caixinha voltou para a vitrina. Admirado, aproximou-se; nunca ouvira música assim. Era só dar corda e nem se punha disco como na vitrola da Mariazinha.

Durante uma semana, diàriamente, postou-se em frente à loja. Inventou planos e mais planos para conquistar a caixinha. Pensou trabalhar. Em quê? Como? Talvez vendendo banana que nem o Tião. Mas os guardas costumavam correr atrás dêle; era proibido.

A noite, deitado na enxerga, a imaginação tornava-se mais arrojada. Os olhos brilhavam no escuro.

Tlim, tlim; tlim, tlim. A música já tocava há tanto tempo sem parar. Parecia encantamento, assombração. Estava admirado, confuso, boquiaberto, sem coragem de pegar na caixinha. Quando chegasse lá no morro... seriam capazes de pensar que f[illegible] roubada. E se a escondesse? Onde? O melhor era contar tudo ao Tião, "cara" amigo e esperto de verdade.

Limpou as mãos nas calças decidido a pegar a caixinha e fugir. A imobilidade apoderou-se-lhe do corpo.

A enfermeira viu a cabecita pender para o lado, devagarinho. Tomou-lhe o pulso. Parado. Tocou-lhe a córnea; nenhuma reação. Nos lábios, entretanto, o mesmo sorriso. Pegou a ponta do lençol e puxou-o lentamente.

PAISAGEM

LAGO BURNETT

ENTRE O CANTO E OS PÉS DA CRIANÇA
DESENVOLVE-SE A PAISAGEM
EM VERDE TERNO E LOURO, CÔR DA TRANÇA
QUE INVOCA AS BORBOLETAS, DE PASSAGEM.

LÚCIDO É O CAMPO E SILENCIOSO EM TORNO
DA CRIANÇA CRESCE ATÉ NO ALTO, ONDE
[ALCANÇA

O CÓRREGO QUE ESCORRE AÉREO E MORNO
DOS LÁBIOS TRANSPARENTES DA CRIANÇA

É O CANTO QUE SE ESVAI EM SINUOSAS
ESTRADAS PELO ESPAÇO, NA LEMBRANÇA
DOS PÁSSAROS, DAS FONTES E DAS ROSAS
QUE FAZIAM A PAISAGEM PARA A CRIANÇA.

Aldous Uxley fala a "LETRAS E ARTES"

(Conclusão da 9.ª pág.)

tar no meio dela, de maneira a obstruí-la...

* * *

Esta curta palestra de menos de meia hora terminou em torno de Shakespeare. E Huxley exprimiu-me os seus receios ante o projeto de Bernard Shaw de escrever um filme sôbre o vida de Shakespeare, devendo êsse filme ser ser interpretado por Dane Kaye e intitula-se: "A vida alegre de Shakespeare".

Sete dias de folclore nos pampas

(Conclusão da 8.ª pág.)

exposição era real e os visitantes se fartaram de provar tanta coisa gostosa.

MATERIAL FOLCLÓRICO

— Nas nossas sessões de estudo tivemos ensejo de ver a projeção de diversos dispositivos e filmes relativos a folguedos e danças folclóricas, quer os apresentados pelo prof. Alceu Maynard de Araújo, sôbre S. Paulo, quer o da Cavalhada de Palmas, no Paraná, exibido durante a comunicação do prof. Loureiro Fernandes. Alguns dêles coloridos, portanto com maior valor documentário. Também tivemos uma audição de discos, colhidos pelos nossos colegas Luis Heitor e Enio de Freitas e Castro, no interior do Estado. Nessa ocasião, foram passados os discos gravados no Museu do Homem, em Paris, e oferecidos depois à Comissão Nacional de Folclore, pela UNESCO, com canções que se conservam na Africa, no Dahomey, e levadas para lá por negros alforriados no Brasil. São peças afro-brasileiras de sugestivo valor folclórico, cantadas em Paris, por um velho preto Casemiro d'Almeida, e tôdas elas referentes ao nosso país, onde conservam folguedos, como o Bumba-meu-Boi, chamado Burrinha, e se fazem festas à Nosso Senhor do Bonfim.

O SIMBOLO DO JABOTI

Depois de referir-se aos numerosos apoios que recebeu, desde os órgãos governamentais do Rio Grande a entidades e pessoas, assim finalizou o entrevistado:

— Muito devemos ao IBECC, que organizou, dirige e prestigia os nossos trabalhos. Foi uma pena que o seu eminente Presidente, Dr. Levi Carneiro, não tivesse podido estar entre nós, como fôra do seu desejo, mas o impediram deveres impreteríveis e inadiáveis. Mas a Mensagem que enviou a Dante de Laytano não foi sòmente de palavras de louvor e incitamento, mas deu o exato relêvo e justo valor aos estudos folclóricos, quando afirmou: "praticando-os, estais, portanto, meus caros confrades da Comissão de Folclore do Rio Grande do Sul, a um tempo, servindo e honrando o Brasil, e concorrendo para melrorar a precária compreensão mútua dos homens na superfície do nosso atormentado planeta". Acentuou assim a importância do folclore para o conhecimento recíproco dos povos e, portanto, para atenuar os estados de tensão provocadores de guerra.

Diante de tantos e tão altos testemunhos impõe-se-nos, mais do que nunca, o dever de prosseguir na tarefa começada, com entusiasmo e devotamento. O símbolo do jaboti, para o folclorista, que o Centro Mário de Andrade adotou, é excelente. Trabalho de bicho inteligente, ardiloso e modesto. Não precisamos de pavões e muito menos de gralhas...

Variações sobre o gênio lírico português

(Conclusão da 3.ª página)

ças a essa reintegração, por assim dizer involuntária, na natureza, tudo quanto nele é adquirido — cultura, civilização, contrôle, modos e maneiras mentais — desaparece, instantaneamente, ficando apenas o que nele, em verdade, representa o fundo "intra histórico", o modo psiquico irredutivel do povo português — a doçura e o fatalismo, o desalento e a violência, a coragem e a renuncia, a ausência e a saudade, em que sua alma flutua.

Desobstruindo o caminho, a tudo quanto nele, graças à leitura dos outros poetas, era impedimento à irradiação espontânea desses sentimentos fundamentais, eis que o poeta português, qualquer que seja o seu grau de cultura quando se exprime de forma mais genuina, o faz na independência de pressões estranhas, condenado, não poucas vezes, é certo, a uma espécie de eterno retorno, de monotonia formal e temática, ao mesmo tempo grandeza e miséria da nossa literatura.

Casa do Dragão

Cascais — Portugal.

NO PETIT TRIANON

DIOGENES LAERCIO

O espírito latino

Os conferencistas franceses já não conseguem, no Rio, atrair um grande público interessado e entusiasta como antigamente. Mas ainda levam ao salão discreto e elegante da Academia uma assistência inteligente, culta e polida, como sucedeu na última semana com o Prof. Pasteur Vallery-Radot. O ilustre neto de Pasteur, que tantas conferências fez entre nós agora, para públicos sempre reduzidos, embora atentos e cordiais, falou no Petit Trianon com sucesso, tendo sido saudado em nome da Academia, pelo sr. Rodrigo Otávio Filho. A conferência do Prof. Pasteur Vallery-Radot foi curta e amavel, com muitos elogios aos brasileiros e algumas observações acrimoniosas sobre norte-americanos. Procurou ele definir, nessa palestra, as características do "gênio latino" — com o seu individualismo, a sua aguda sensibilidade, o seu espírito crítico, a sua paixão da liberdade, a sua clareza e a sua graça peculiares. E o fez com lucidez e felicidade, sem alargar-se excessivamente, e sem portanto fatigar o público discreto e fino que o aplaudiu. Encerrando a sessão, que foi inegàvelmente brilhante pela espiritualidade e pela elegância, o Presidente sr. Peregrino Júnior, pronunciou algumas palavras discretas e oportunas, na linha machadiana da tradição acadêmica. Foram essas as palavras de encerramento do Presidente da Academia:

"Acabamos de ouvir, com natural encantamento, a conferência admiravel do Prof. Pasteur Vallery-Radot, que definiu com clareza e penetração as características do gênio latino. Só um conferencista que fosse, como o Prof. Pasteur Vallery-Radot, a um tempo médico e escritor, poderia fazer um estudo panorâmico do gênio latino, com tão terrivel lucidez e tão sutil sensibilidade. Sua palestra foi para todos nós uma lição e uma alegria.

Esta Casa — a Casa de Machado de Assis — orgulha-se de ter sabido ser até hoje, no Brasil, guardiã fiel e constante das mais puras expressões do Gênio Latino.

Nenhum povo, de resto, no mundo contemporâneo, encarna e resume melhor, todas as graças, todos os dons, todos os atributos do gênio latino, que o povo francês.

E no momento em que, por circunstâncias notórias, as novas gerações brasileiras encaminharam a curiosidade do seu espírito noutros rumos culturais, a Academia Brasileira manteve inalteravel a sua fidelidade à cultura francesa em cuja rica substância nutrimos as raízes mais fundas da nossa formação intelectual — e que é, sem sombra de dúvida, como a provou o Prof. Pasteur Vallery-Radot, a extrema flor pura e legítima, do gênio latino — claro, sutil e harmonioso: a perfeição da graça, como o definiu Lamaitre".

Posse de Elmano Cardim

A sessão solene em que foi recebido, a 29 de Setembro, na Academia, o sr. Elmano Cardim, constituiu um acontecimento de excepcional significação social, política e cultural. A Academia viveu naquela noite, uma hora de raro esplendor, com o seu salão repleto de tudo o que há de mais representativo no nosso alto mundo civil. Sob a Presidência do sr. Peregrino Júnior, a sessão foi honrada com a presença do sr. General Eurico Dutra, presidente da República, a quem o Presidente da Casa transferiu a presidência da solenidade, tendo comparecido também os ministros Laudo de Camargo, presidente da Suprema; José Linhares, ex-presidente da República; os ministros de Estado das Relações Exteriores, da Marinha, da Fazenda e da Educação; os Embaixadores da França, de Portugal, da Espanha, da Argentina, do Chile, do Uruguai e da Venezuela, muitos outros chefes de missões diplomáticas, altos funcionários civis e militares, e tudo quanto há de mais fino e elegante no mundo feminino da nossa alta sociedade. Diante de grande número de acadêmicos, o sr. Elmano Cardim fez o elogio de Rodolfo Garcia, com elegância, erudição, equilíbrio e simpatia, e o sr. Peregrino Júnior, colocando-lhe no pescoço o colar acadêmico e entregando-lhe o respectivo diploma, o declarou empossado na cadeira n. 19, cujo patrono é Varnhagen. Saudou o novo acadêmico, em nome de seus pares, o sr. Levi Carneiro, que fez um discurso dos mais vivos e interessantes.

Foi enfim uma grande noite acadêmica, a da posse do sr. Elmano Cardim.

Olegário Mariano na Bahia

Por proposta do sr. Múcio Leão, o plenário autorizou o Presidente a telegrafar ao Instituto Histórico e à Academia de Letras da Bahia, agradecendo as homenagens que aquelas instituições prestaram ao sr. Olegário Mariano, por ocasião da sua recente visita à cidade do Salvador.

Centenário de Domingos Olimpio

O sr. Peregrino Júnior recordou a passagem do centenário de Domingos Olímpio, estudando a obra e a personalidade do romancista de "Luzia-Homem".

Chegada do Osvaldo Orico

A fim de assistir às eleições, nas quais seu nome ilustre foi sufragado pelo eleitorado do Pará, para deputado federal, chegou há dias ao Rio o Acadêmico Oswaldo Orico, nosso adido à embaixada de Bruxelas, que teve desembarque muito concorrido. No cais, para saudá-lo, estavam muitos acadêmicos, inclusive a Diretoria da Academia.

Guerra Junqueiro

O sr. Manuel Bandeira leu, e pediu sua inserção nos Anais, uma bela e oportuna página do sr. Fidelino de Figueiredo sobre Guerra Junqueiro, cujo centenário acabamos de celebrar.

Miguel Couto vivo

Ao sr. Moacyr Navarro, o Prof. Aloísio de Castro enviou a seguinte carta:

"Meu caro Moacyr Navarro,

Sòmente agora, depois de ter passado alguns dias com você e o Couto, posso agradecer-lhe o prazer dessas horas, em que vivi no presente com o passado.

Horas de beleza, vendo contadas por você as circunstâncias de uma vida edificante. Couto encontrou na sua pena brilhante quem lhe fizesse o retrato como ele foi na realidade. Ninguém lerá sem doce emoção tudo o que se narra e comenta no seu livro.

Couto vivo, sim. Couto no seu tempo. Ali encontro meu nome citado, ali encontro meu Pai. Obrigado por tudo.

Este livro será guardado como coisa preciosa. E parabens, muitos parabens.

Se você quiser oferecer um exemplar à Academia Brasileira, muito honrado ficarei se fôr o intermediário da oferta e isso me abrirá ensejo de dizer ali algumas palavras sobre o livro.

Esperando o prazer de abraçá-lo em São Paulo, etc., etc...

as) Aloísio de Castro."

Gustavo Barroso em Recife

Segundo telegrama de Pernambuco o escritor Gustavo Barroso foi homenageado, com um almoço no Horto Dois Irmãos, oferecido pelo Governador do Estado, sr. Barbosa Lima Sobrinho. Ao ágape compareceram intelectuais, jornalistas e diretores de Escolas Superiores.

COMO GIDE TRADUZIU O "HAMLET" NO SEU REFÚGIO DE TUNÍSIA

(Conclusão da 4.ª pág.)

zar? Em que poderei ser bom de ora em diante? A que estarei ainda reservado?" — o certo é que trabalha. Levantando-se muito cedo, antes do meio-dia já havia consagrado quatro a cinco horas à tradução do "Hamlet". Eu ficava maravilhado com a alegria, a constância, o frescor do seu esforço. E' que nada vinha desviá-lo do trabalho. Essa tradução, abandonada há mais de vinte anos, tinha-lhe amadurecido na espirito: não lhe restava senão colhe-la.

Até ali, as exigências da criação pessoal se opunham ao que êle chama "um labor extenuante". Imaginando não ter mais nada a dizer, Gide sentia-se feliz ao cumprir uma tarefa precisa, que constituia, ao mesmo tempo, para ele, o mais proveitoso divertimento. Sabe-se que o autor de "La Parte Etroite" não é feliz senão quando trabalha. E talvez, mesmo, fossem necessário para que esse esforço chegasse ao termo as circunstâncias particulares determinadas pela ocasião e, notadamente, a correspondência que podia existir entre o drama de Shakespeare e a tragédia da época.

A branca aldeia muçulmana, de onde se domina Cartago e o golfo de Tunis, era como que o terraço de Elsenor, transportado para as margens do Mediterrâneo. Foi necessária, também, sem dúvida, a insistência de Jean-Louis Barrault, que Gide havia encontrado em Marselha, antes de embarcar. De ora em diante, traduzir o "Hamlet" tornara-se-lhe um trabalho imprescindivel. Ao principe da Dinamarca, que encarnava, com mais autenticidade do que nunca, a interrogação do espirito, a justiça chicaneada, a liberdade manietada, um homem jovem e ardente, de fisionomia atormentada, pretendia dar corpo e espirito.

"— Vou acabar de traduzir o "Hamlet" para Jean-Louis Barrault" — disse Gide — E como eu não respondesse: "— Conhece Barrault?" — "— Como todo mundo, vi-o no cinema".

"— Ah! Ele tem genio!"

E talvez fosse esse o sentimento que Gide experimentava, a necessidade de oferecer a Barrault uma ocasião para dar a medida de seu talento, talvez isso, acima de tudo o mais, o encorajasse no trabalho cotidiano.

Não se distraia ele da tarefa, senão em breves passeios ou na leitura, ou para mergulhar numa partida de xadrez, — quando podia opor-se a um adversário nem muito sabido, nem muito canhestro, ou então para escutar o rádio.

Algumas semanas depois, encontramo-nos fechados em Tunis ocupada pelas tropas do Eixo, submetida aos homens de Dardand e da Gestapo. Foi preciso pôr em abrigo seguro os manuscritos de Gide, honra que me coube. Tive então a alegria arrebatadora de ler a tradução, dois anos depois publicada em Nova York, por Schiffrin. Ignorando o inglês não tenho capacidade para julgar-lhe do mérito com relação ao original. Mas julgo haver lido quase todas as traduções francesas e não será *exagerado* dizer que a de Gide ultrapassa-as, anula-as. Em todas as outras sente-se a *tradução*; não ser o texto frances mais do que o resíduo de um esforço de transpor *palavras* para outras *palavras*. O texto de Gide tem o cunho de um original; tudo ali parece nativo e brotado, não das palavras, mas da própria fonte das palavras, retirado do espirito, da alma em que elas tomaram vida. Certamente, é um texto de Gide, mas de Gide que inventa uma linguagem nova, solida e desenvolta, fluente e disciplinada, saborosa, tersa, muscular. A força profunda, a poesia dessa lingua está no músculo e não no esqueleto. As figuras que exprinem essa linguagem ilustramna de iluminuras, de um baroco temperado, e os arcaismos lhe dão a própria patina, a abundância algo pesada caracteristica do século 16. E' o que distingue a obra de Gide tradutor da dos seus predecessores. E' uma criação: a criação que Gide imaginava viesse a ser a última de sua vida.

Mas, como vêem não acabou êle ainda de surpreender-nos.

Letras inglesas

"TWO MOUNTAINS AND A RIVER" — (Cambridge University Press) — Narar o sr. H. W. Tilman, chefe da expedição de 1938 ao Monte Everest, sua nova tentativa de escalar a Cordilheira Himalaia, acompanhado de alpinistas e do consul inglês em Kashgar, Eric Shipton. Procurou, o grupo escalar os picos Rakaposhi, em Karakoram e Muztagh Ata, no Turkestão chinês, mas nenhuma dessas tentativas foi bem sucedida, o que em nada lhe perturbou o bom humor, nem o estilo vivo da narrativa.

"DESIGN FOR LIVING" — ("Forum Books", Falcon Press) — Polêmica político-partidária sôbre o sistema econômico adequado à Inglaterra de após-guerra, escrita, com muita verve, por Peter Thomeycroft, porém conservador radical. Ao insistir em iguacionar o socialismo e o comunismo, simplifica em demasia essa tarefa.

"PRIVATE ARMY" — (Cape) — "Popski", on Vladimir Peniakoff, revela a história verídica de uma das dezenas da guerra. O exército sob o comando de Popski viveu sempre para lá do "front" inimigo e constituiu a menor das unidades independentes do exército britânico .Possuia código próprio e enganou, blefou e, às vezes, enfrentou o inimigo através do norte da Africa e em tôda a Itália. E' um livro interessantissimo, embora acrimonioso em relação às demais unidades.

DISAGREEMENTS, (Secker and Warburg) — Esta polêmica sôbre a cultura na democracia inglesa nos proporciona o ensejo de apreciar no autor, R. C. Churchill, um critico que não somente defende a cultura democrática e nela vislumbra vestígios de regeneração, como leva a batalha ao campo do adversário, criticando os próprios críticos. Ele insiste que, há séculos, a cultura inglesa vem sendo democrática e proletária. Que Shakespeare, Bunyan, Cobbett e Dickens escreveram para o homem comum e foram por êle devidamente apreciados

O estilo é, às vezes, frouxo e desordenado, mas a argumentação é por demais penetrante e ponderada para passar desapercebida. Embora as observações se refiram apenas à cultura inglesa, são igualmente aplicáveis, em grande parte, à americana e à européia. E' livro que nos proporciona prazer, e serve, simultaneamente, de advertência.

THE WORLD MY WILDERNESS (Collins) — Após dez anos de silêncio Miss Rose Macaulay apresenta-nos novo romance, que é, em essência, um livro sôbre a guerra, embora se desenrole cêrca de dois anos depois do último conflito. Não descreve batalhas, nem ocupações, ataques, ou resistências, mas apresenta os resultados dêsses episódios.

Letras e Artes

DIREÇÃO

deira, Ascendino Leite, Atilio Milano, Augusto Frederico Schmidt,

Lima, Almeida Fischer, Almeida Sales, Alphonsus Guimarães Filho, Alvaro

DE

JORGE LACERDA

COLABORADORES:

Adonias Filho, Afrânio Coutinho, Alcantara Silveira, Alceu Amoroso Gonçalves, Anibal Machado, Anor Butler Maciel, Antonio Rangel Ban- Augusto Meyer, Batista da Costa, Breno Acioli, Brito Broca, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Cecilia Meireles, Christiano Martins, Ciro dos Anjos, Clarisse Lispector, Cláudio T. Barbosa, Dalton Trevisan, Damaso Rocha, Dantas Mota, Dinah S. de Queiroz, Eugenio Gomes, Euryalo Canabrava, Fernando Ferreira de Loanda, Franklin de Oliveira, Geraldo Ferraz, Gabriel Munhoz da Rocha, Guerreiro Ramos, Gustavo Barroso, Gilberto Freyre, Herbert Parentes Fortes, Herman Lima, Jayme Adour da Camara, João Condé, Joaquim Ribeiro, J. P. Moreira da Fonseca, José Lins do Rego, Jorge de Lima, José F. Coelho, José Geraldo Vieira, José Simeão Leal, José Tavares de Miranda, Josué de Castro, Josué Montello, Leony de Oliveira Machado, Lêdo Ivo, Ligia Fagundes Teles, Louis Wiznitzer, Lopes de Andrade, Lucio Cardoso, Luiz Jardim, Manuelito de Ornelas, Manuel Bandeira, Marcos Konder Reis, Mario da Silva Brito, Mario Quintana, Marques Rebelo, Murilo Mendes, Novelli Junior, Neli Dutra, Newton de Freitas, Octavio de Faria, Olimpio Mourão Filho, Oliveira e Silva, Otto Maria Carpeaux, Paulo Mendes Campos, Paulo Ronai, Peregrino Junior, Pericles da Silva Ramos, Renato Almeida, Renzo Massarani, Ribeiro Couto, Rodrigo M. F. de Andrade, Roger Bastide, Rogerio Corção, Roland Corbisier, Rosario Fusco, Rubem Biafora, Santa Rosa, Sergio Milliet, Servulo de Melo, Silvio Elia, Sylvio da Cunha, Sonia Regina, Tasso da Silveira, Temistocles Linhares, Thiers Martins Moreira, Umberto Peregrino, Van Jafa, Vicente Ferreira da Silva, Wilson Figueiredo, Willy Lewin, Xavier Placer, Haidée Nicolussi, Mietta Santiago, Guido Wilmar Sassi e Jorge Barroso Filho.

ILUSTRADORES:

Alfredo Ceschiatti, Armando Pacheco, Athos Bulcão, Marcelo Grassmann Marcier, Fayga Ostrower, Iberê Camargo, Luiz Jardim, Noemia, Oswaldo Goeldi, Paulo O. Flores, Paulo Vincent, Renina Katz, Percy Deane, Santa Rosa, Van Rogger e Yllen Kerr.

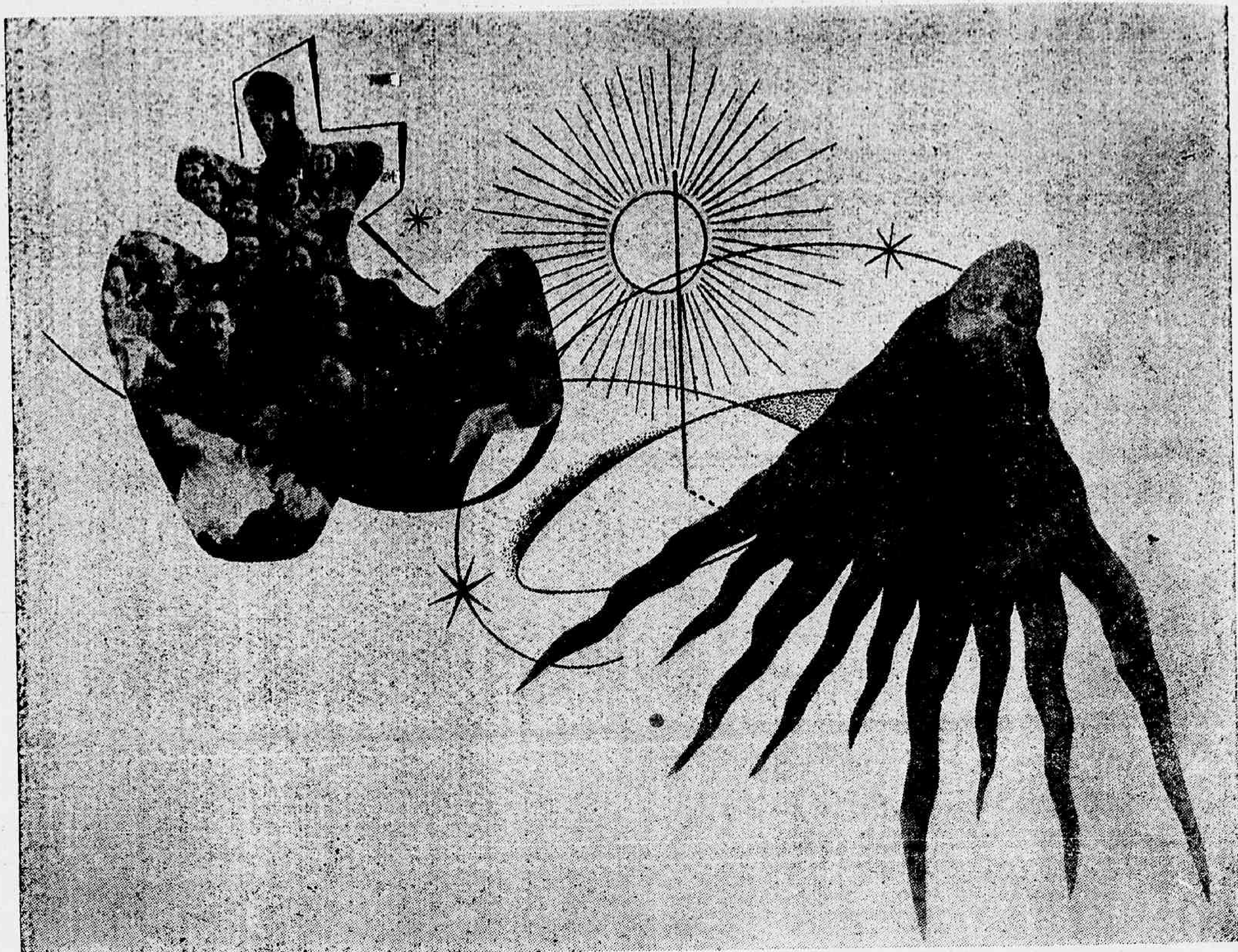


Ilustração de SANTA ROSA

POEMA DOS CARRILHÕES

Em confusão delirante passam no caminho do tempo,
Vão seguindo em louca disparada pelos quadrantes do espaço
O eterno agrupamento de tôdas as raças, de todos os instintos,
E os povos que se conjuntam separados pelas fronteiras
Pelos mares, pelo idioma, pela história e pela idéia. . .

Procissão de tantas vidas em ovações triunfantes
Desfilam, vão passando e hão de passar indefinidamente
Para a derrota inevitável de todos os destinos,
E os carrilhões das horas, sôbre tudo, em tôda a vida
Continuam badalando, badalando, badalando. . .

Na inquietação da ansiedade passam todos os momentos,
E' de alerta, a cada instante, o roteiro dessa viagem
No início que se desencontra para a mesma finalidade,
E o mesmo quadro é sempre novo, a noite é a mesma, o dia é o mesmo;
Por que é que o tempo se adianta e por que é que nós ficamos?

Poesia do belo, poesia do horrível, do encanto e do desencanto,
Sinfonia do que se percebe e do que nunca se alcança
É o panorama da terra inteira, é a paisagem do tempo em marcha;
E é por essa multiplicação de enganos e desenganos
Que os velhos carrilhões continuam badalando, badalando, badalando. . .

Que espera o pássaro cantando, que espera a árvore florescendo,
Por que uivam os ventos, por que gritam e se espadanam os oceanos,
Por que brilham as estrêlas, por que os espaços se iluminam?
E a natureza emudecida permanece indecifrável. .
Que faz o homem nesse mundo infinito da inconsciência?

Que pensam, que fazem, que desejam, os que vão seguindo?
Para onde foram os que cansaram, os que tombaram, os que pararam?
Todos os sentidos se confundem na Babel tremenda
E os carrilhões das horas, compassados pela insônia do infinito
Continuam badalando, badalando, badalando. . .

Desespêro humano, incontentamento de todos os desejos,
Na investida de todos os sentidos, na vertigem
De arremessos tremendos, é a paisagem da noite em debandada;
E dormem nesse mundo os caminhos sinistros do deserto
Por onde as caravanas vão seguindo e desaparecendo. . .

Na movimentação dêsses instantes há uma fôrça que se exalta
Para a conquista insatisfeita do que se quer e não vem nunca;
Existem sonhos, nascem esperanças, morrem tôdas as graças,
E rondando essa impressão de um segundo que sentimos
Os velhos carrilhões continuam badalando, badalando, badalando. . .

PAULA ACHILLES